

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/PUBLICIDADE E PROPAGANDA

JOÃO DAVI PINTO MARTINS

NARRATIVAS CONSPIRACIONISTAS EM MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS:

uma análise sobre a conspiração de Ratanabá no *Tiktok*

SÃO BORJA

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/PUBLICIDADE E PROPAGANDA

JOÃO DAVI PINTO MARTINS

NARRATIVAS CONSPIRACIONISTAS EM MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS:

uma análise sobre a conspiração de Ratanabá no Tik Tok

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Rocha

SÃO BORJA

2024

JOÃO DAVI PINTO MARTINS

**“NARRATIVAS CONSPIRACIONISTAS EM MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS:
uma análise sobre a conspiração de Ratanabá no Tiktok”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05 de dezembro de 2024

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marcelo da Silva Rocha
Orientador
(Unipampa)

Profa Dra Aline Amaral Paz
(Unipampa)

Prof. Dr. Fernando Silva Santor
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **MARCELO DA SILVA ROCHA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/12/2024, às 08:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **FERNANDO SILVA SANTOR, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/12/2024, às 09:00, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALINE AMARAL PAZ, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 10/12/2024, às 18:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1618200** e o código CRC **BC3D87FB**.

Dedico este trabalho a meus avós, por ordem de precedência, Ivone Pazuch Pinto e João Correia Pinto, que em suor e esperança, conseguiram dar aos filhos e netos, a possibilidade de estudar e traçar novos caminhos, a minha mãe, Flávia Pazuch Pinto, que por maiores as peripécias experimentadas por este que vos fala, sempre me apoiou e acolheu como ninguém, ao amor da minha vida, Alexia Saner, que desde o começo, esteve do meu lado, física e metaforicamente e ao meu pai, Mauro Agostinho Martins, que mesmo do jeito distante dele, nunca deixou de destacar e incentivar, com palavras de amor e orgulho.

AGRADECIMENTOS

“Na luz da ciência que resplandece em meio ao caos, nasce a esperança, que torna-se criança no mundo das ideias, toma-se juiz do mundo das incertezas e envelhece em desespero, de saber que como disse Sócrates, na mais frívola lamentação, "só sei que nada sei".

São Borja, 23 de Novembro de 2024

Uma trajetória acadêmica começa quando se decide primeiro, que é pelos outros e não por si só. A ciência deve ter o papel fundamental de construção coletiva e colaboração, seja através da cooperação ou seja através do conhecimento. Espero olhar para este trabalho daqui a alguns anos, e ver quais foram meus primeiros passos e dizer “como eu evolui”.

Agradeço hoje, em primeiro lugar, a Universidade Federal do Pampa, por possibilitar que de forma qualificada, gratuita sobretudo para mim, que venho de uma família que com certeza não teria condições de manter-me em uma universidade privada e que garantiu que não somente eu, mas também minha mãe, tivéssemos o privilégio de aprender com pessoas que vamos carregar para o resto da vida.

O meu Professor e orientador Marcelo Rocha, que não somente me deu todo o suporte necessário para a realização desta pesquisa, mas também confiou, incentivou e acreditou na relevância da temática.

Ao Professor Fernando Santor, minha banca e que com suas colocações cirúrgicas e capacidade inigualável de fazer com que coisas extremamente difíceis, tornem-se possíveis e nos qualifiquem como profissionais.

A Professora, agora titular do curso de Publicidade e Propaganda da Unipampa, Aline Amaral Paz, me ensinou muito, não só como estudante, mas principalmente como ser humano.

A Camila Rodrigues, Carmem Abreu, Denise Lima, Denise Teresinha, Fernanda Sagrilo, Gabriel Sausen, João Antônio, Junior Melo, Juliana Salbego, Livia Sagin, Magnos Cassiano, Merli Leal, Renata Coutinho, Roberta Roos, Sara Feitosa, Walter Cruz, Walter Cruz, os quais compartilharam o conhecimento e contribuíram para minha formação.

A minha madrinha, tia e quase uma segunda mãe, Giana Pazuch, a meu primo, parceiro e irmão, Gabriel Porto, minha afilhada e futura publicitária Helena, obrigado por sempre acreditarem em mim.

Aos chegados depois mas igualmente importantes, Jorge Paulo Pires e Marcelo, que são pessoas excepcionais sempre dispostas a ajudar.

A Maninha e o Paulinho, vulgo Claudia e Paulo, meus sogros, que me tratam como um filho e apoiam a Alexia e a mim de todas as formas possíveis.

E aos meus amigos, que em virtude da minha característica particular de alta sociabilidade, compreendem que não poderia citar todos aqui porque, com toda certeza, esqueceria de pessoas muito importantes mas quem estiver lendo esta página, sabe que estará aqui.

“Tudo bem, até pode ser que os dragões sejam moinhos de vento. Tudo bem, seja o que for, seja por amor às causas perdidas. Seja por amor às causas perdidas”.

Dom Quixote. Humberto Gessinger e Paulo Galvão. 2003.

RESUMO

O presente trabalho discute sobre a estrutura de narrativas conspiracionistas em mídias sociais digitais, em um contexto de análise da conspiração sobre uma suposta cidade perdida de Ratanabá, através de conteúdos audiovisuais no *TikTok*. Esta monografia realiza um percurso teórico por conceitos sobre teorias da conspiração, compreendendo-a como um possível fenômeno gerador de desinformação (Wardle e Derakhshan, 2017), passando por uma relação entre narrativa (Barthes, 1971), ideologia (Thompson, 2009; Chauí, 2014) e discussão sobre verdade factual e função e representação de uma versão paralela da realidade (Simmons, 2024). No primeiro capítulo desta pesquisa, realiza-se um percurso teórico acerca do tema teorias da conspiração. Neste sentido, compreende-se que as teorias da conspiração podem ter elementos peculiares e características específicas a partir das reflexões de Rezende (2019) e de Machado (2005). Entende-se, neste estudo, a ideia de que teorias da conspiração podem ter elementos de identificação e aproximação dos internautas para gerar efeito de pertencimento (Fragoso, 2023). Além disso, percebe-se que a Inteligência Artificial tem sido um recurso relevante e recorrente utilizado pelos criadores de conteúdos conspiratórios, principalmente, no *TikTok*. Entende-se também que são utilizadas com mais frequência as IAs generativas, sendo aquelas que geram imagem e som. (Joanguete, 2023). Os procedimentos metodológicos apresentam pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005), análise de conteúdo (1977) e critérios próprios para análise. Esta pesquisa utiliza critérios próprios para analisar o material encontrado com base nos estudos de Butter (2024) e Lewandowsky e Cook (2020) sobre a sistematização da temática. Os resultados obtidos nesta pesquisa, demonstram as características comuns em um agrupamento de conteúdos conspiratórios que, repetidamente, utilizam-se de ideias bases, como: a proposta de que existe algo escondido da sociedade e que está prestes a ser revelado, o excessivo ceticismo em relação à verdade factual e uma constante suspeição das narrativas oficiais, bem como a constante utilização de Inteligência Artificial na produção de conteúdos conspiracionistas no *TikTok*.

PALAVRAS-CHAVE:

Narrativas Conspiracionistas; Teorias da Conspiração; TikTok; Inteligência Artificial.

ABSTRACT

This paper discusses the structure of conspiracy narratives on digital social media, in the context of analyzing the conspiracy surrounding a supposed lost city of Ratanabá, through audiovisual content on TikTok. This thesis provides a theoretical journey through concepts related to conspiracy theories, understanding them as a possible phenomenon generating misinformation (Wardle and Derakhshan, 2017), while exploring the relationship between narrative (Barthes, 1971), ideology (Thompson, 2009; Chau, 2014), and the discussion of factual truth and the function and representation of an alternative version of reality (Simmons, 2024). In the first chapter of this research, a theoretical overview of conspiracy theories is conducted. In this sense, it is understood that conspiracy theories may have peculiar elements and specific characteristics based on the reflections of Rezende (2019) and Machado (2005). This study also posits that conspiracy theories can have elements of identification and appeal to internet users, generating a sense of belonging (Fragoso, 2023). Additionally, it is observed that Artificial Intelligence has been a relevant and recurring tool used by creators of conspiratorial content, particularly on TikTok. It is also understood that degenerative AIs, those that generate images and sounds, are more frequently used (Joanguete, 2023). The methodological procedures include bibliographic research (Stumpf, 2005), content analysis (1977), and specific criteria for analysis. This research employs its own criteria for analyzing the found material based on studies by Butter (2024) and Lewandowsky and Cook (2020) regarding the systematization of the topic. The results of this research demonstrate common characteristics in a grouping of conspiratorial content, which repeatedly uses core ideas, like: the proposition that there is something hidden from society and is about to be revealed, excessive skepticism toward factual truth, and a constant suspicion of official narratives, as well as the ongoing use of Artificial Intelligence in the production of conspiratorial content on TikTok.

KEYWORDS: Conspiratorial Narratives; Conspiracy Theories; TikTok; Artificial Intelligence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: UM PERCURSO TEÓRICO.....	17
2.1 Narrativa, Verdade e Ideologia.....	23
2.2 Inteligência Artificial, Algoritmos e Construção da Conspiração.....	29
3 PROCESSO METODOLÓGICO.....	33
4 A CONSPIRAÇÃO DE RATANABÁ NO TIK TOK.....	37
4.1 Checagem sobre a Teoria da Conspiração sobre Ratanabá.....	39
4.2 UOL Confere e MonitoR7: checagem sobre a teoria.....	40
5 ANÁLISE DO CONTEÚDO.....	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
7 REFERÊNCIAS.....	56

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - <i>Printscreen</i> do vídeo que narra a teoria da cidade escondida.....	19
Imagem 2 - <i>Printscreen</i> do vídeo que narra a história de Ratanabá.....	20
Imagem 3 - <i>Printscreen</i> do Post de Mario Farias sobre Ratanabá.....	21
Imagem 4 - <i>Printscreen</i> do vídeo que narra a teoria da cidade escondida.....	40
Imagem 5 - <i>Printscreen</i> do vídeo que narra a história de Ratanabá.....	42
Imagem 6 - <i>Printscreen</i> do Post de Mario Farias sobre Ratanabá.....	43
Imagem 7 - <i>Printscreen</i> do vídeo sobre o Lidar.....	44
Imagem 8 - <i>Printscreen</i> do vídeo de Richard Rasmussen falando sobre Ratanabá.....	45
Imagem 9 - <i>Printscreen</i> do vídeo de Sandro Rocha, ator do filme Tropa de Elite, falando sobre Ratanabá.....	47
Imagem 10 - <i>Printscreen</i> do site Dakila Pesquisa.....	49
Imagem 11 - <i>Printscreen</i> do site Ecossistema Dakila (conteúdos sobre Ratanabá).....	50
Imagem 12 - <i>Printscreen</i> do vídeo Dakila sobre Ratanabá no <i>TikTok</i>	51

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Critérios para análise de teorias da conspiração no <i>TikTok</i>	34
--	----

1 INTRODUÇÃO

Mais interessante do que aquilo que se sabe tudo, são as coisas das quais não se sabe nada. Ao menos, assim devem pensar aqueles que incansavelmente buscam construir um sentido, uma coerência e uma certeza sobre histórias ou “causos” - não vejo palavra melhor, no popular linguajar do Rio Grande do Sul, para descrever do que se trata uma teoria da conspiração.

A busca e o compartilhamento dessas histórias não são características exclusiva de um tempo ou outro, aliás, muito pelo contrário: fazem parte da história da humanidade e acompanham a evolução das linguagens e dos processos e formas de se comunicar. Os produtores de cultura, cinema, revista, livros, entre outros produtos culturais, se beneficiaram ao longo da existência humana dessas histórias, principalmente, aquelas que mais fogem dos fatos, da comprovação científica, da verdade visível.

Entende-se que o que pode despertar o interesse das pessoas são aquelas que mexem com os sentimentos mais particulares dos seres humanos, como o medo do extraterreno, do sobre-humano, das possibilidades mais absurdas e que tão distante da ciência, se tornam uma crença muito presente aos olhos leigos.

Desde os primórdios da humanidade, o medo e a incerteza sobre as coisas do mundo são pautas de diferentes civilizações, gerando discussões sobre discussões caóticas como desastres climáticos e ambientais, epidemias, pandemias, religião, guerras, fatos políticos históricos e fenômenos dimensões mundiais.

Quem nunca pensou que A Nova Ordem Mundial pode ser real? Quem não temeu os “Iluminatis” ou desconfiou e desacreditou da notícia de que o homem havia pisado na lua? Essas são ideias que motivam esta pesquisa a debruçar-se sobre o universo das teorias da conspiração que, por sua vez, se popularizaram rapidamente em diferentes âmbitos da Sociedade Civil, tomando forma em muitas situações: opinião pública, através da eleição de líderes por toda a parte do mundo e que pautam, muitas vezes, os debates que definem o rumo do bem-estar social.

Em resumo, as histórias criadas, contadas e compartilhadas, sejam elas verdadeiras ou conspiração, são características nativas do ser humano de diferentes tempos e que podem representar a cultura e como as pessoas que a formam, encaram as coisas do mundo.

Partindo do pressuposto de que, assim como em diferentes instâncias da nossa sociedade, o processo de desenvolvimento tecnológico, a rápida ascensão dos meios de comunicação e das mídias sociais digitais mudaram a forma como nos relacionamos e realizamos em nossas vidas cotidianas e a forma como essas conspirações são construídas e compartilhadas também passaram por transformações. Desta maneira, este trabalho buscou olhar para um ponto específico para identificar como essas narrativas conspiratórias acontecem dentro de um espaço digital, quais são os elementos que compõem a história e como elas socializam dentro de uma rede específica, desta maneira, adotou-se como questão de pesquisa: **Quais elementos narrativos estão presentes em conspirações sobre Ratanabá no *TikTok*?**

Para dar conta de cumprir com a questão problema, esta pesquisa apresenta o objetivo geral e os objetivos específicos que irão nortear o processo de construção deste trabalho. Definiu-se como objetivo geral: **Investigar quais elementos narrativos presentes nas conspirações sobre Ratanabá no *TikTok*.**

Como um caminho para cumprir como objetivo geral desta pesquisa, traçou-se como objetivos específicos: **a) Entender quais são as principais características de uma teoria da conspiração; b) Compreender como essas narrativas acontecem no *TikTok*; e c) Elaborar categorias de análise a partir de tópicos que podem estruturar as narrativas a respeito das teorias da conspiração.**

Do ponto de vista deste pesquisador, uma teoria da conspiração pode passar despercebida em meio a muitos acontecimentos e informações que circulam diariamente dentro da web, porém, é possível compreender que, em muitas situações, ela pode ser um fator importante de corroboração com um cenário de desinformação e interferir em questões importantes da sociedade, como nas escolhas políticas e ideológica bem como na saúde pública, entre outros aspectos da sociedade.

Para dar conta de justificar a relevância desta pesquisa, é possível justificar o estudo sobre três aspectos específicos, sendo eles: âmbito científico-teórico, científico-prático e de ordem social (SANTAELLA; 2010, p. 110).

No que tange ao aspecto científico-teórico, este trabalho busca colaborar com a compreensão de como o pensamento conspiratório se constituiu dentro do ciberespaço, entendendo que, essas narrativas serão abordadas posteriormente nesta pesquisa, extrapolam a barreira do consumo passivo de conteúdo e podem tomar espaço como preferência sobre as teorias científicas e fatuais da sociedade. Ou seja, uma teoria da conspiração tem um corpo, uma forma, pode ser compreendida como escolha de palavras, imagens e contextos que

transportam um sujeito da realidade factual a um espaço de crença conspiratória, assim, não diferente de uma estratégia utilizada na comunicação para persuadir. Neste sentido, entende-se que os teóricos da conspiração utilizam esses recursos linguísticos para arrecadarem os seus adeptos

Partindo da ideia de que somos uma criação, um reflexo daquilo que consumimos, nossas atitudes e de que os nossos pensamentos, podem ser baseados naquilo que nos cerca diariamente. Do mesmo modo, as teorias da conspiração se baseiam, muitas vezes, em outras crenças preliminares que podem tomar espaço em uma consciência coletiva e se tornar um risco para o bem-estar social.

Já no que se refere ao científico-prático, esta pesquisa buscou identificar os elementos importantes e recorrentes em narrativas conspiracionistas disseminadas no *TikTok*. Uma vez que ao observar a estrutura, as ideias básicas que as narrativas buscam transmitir, colabora para a identificação de conteúdos conspiratórios, considerando que os elementos específicos tendem a funcionar de forma tão eficiente e que torna uma teoria da conspiração um conteúdo altamente consumido e que, em muitos casos, podem refletir em diferentes esferas da sociedade.

Ao adentrar no âmbito particular deste pesquisador, é importante ressaltar o interesse não recente em entender, de forma mais aprofundada, quais elementos colaboram para que parte da população, se incline a participar e compartilhar de pensamentos conspiratórios.

2 TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: UM PERCURSO TEÓRICO

Acredita-se que todo acontecimento é plausível de uma explicação ou, ao menos, de uma tentativa, mesmo sendo aqueles que demandam de um tempo mais curto e observação mais simples, sendo as condições que proporcionam o acontecimento mais tangíveis a explicações e também por não serem grandiosos e importantes, podem passar facilmente por um juízo simplificado.

Por outro lado, os acontecimentos grandiosos que tendem a mobilizar uma maior quantidade de pessoas, sendo eles espectadores ou envolvidos, podem ser acontecimentos que geram enredos de especulação maiores, envolvendo grupos de pessoas distintas, canais e meios de comunicação diversos, bem como a tomar proporções grandiosas rapidamente. Por exemplo, o falecimento de alguém com relevância na mídia: o caso do cantor *Elvis Presley*, a morte de Diana - Princesa de *Gales* - e o dito Rei do Pop, *Michael Jackson*. É provável que, boa parte das pessoas, já ouviram a icônica frase: “O *Elvis* não morreu”, ou já teve contato com a falácia do suposto envolvimento do Governo Norte Americano na morte da Princesa Diana e, até mesmo, beirando o absurdo, as suposições de que Michael Jackson já estaria morto anteriormente ao fato, sendo, inclusive, substituído por dublês durante a turnê *This Is It*.

Cabe ressaltar que, no contexto deste trabalho, levando em consideração a importância dada a veracidade de informações e os prejuízos causados às pessoas quando expostas à desinformações, esta pesquisa, utiliza do conceito abordado por Wardle e Derakhshan (2017, p. 9) que compreende que **desinformação** é uma informação que não tem compromisso com a verdade, podendo ser criada por um grupo de pessoas e compartilhada com a intenção de ser falsa, ou também, quando entende-se que essas **desinformações** circulam entre pessoas que de certa forma, podem não ter o intuito de desinformar ao compartilhar, adota-se o conceito **desinformação não intencional**, que segundo Soares et. al. (2021, p.5) “ocorre quando algo que é publicado é falso e assume sua falsidade, porém a audiência, por erro, compreende como verdadeiro”. Dado às narrativas, seja pelo fato de simplesmente não ter conhecimento sobre a credibilidade da mensagem, pode estar à mercê de teorias que, como as expostas no trecho acima, são meramente ilustrativas e abordam suposições que transitam no âmbito do senso comum.

Observou-se, ao decorrer desta pesquisa, que muitas teorias da conspiração em circulação no TikTok não esboçam uma preocupação em comprovar aquilo que está sendo

dito na produção. Popularizou-se nas mídias sociais digitais¹, a informação referente a ideia da Terra Plana que atrita com a, cientificamente comprovada, teoria de que o Planeta Terra é esférico, ou seja, redondo - conceito que pode ser considerado de conhecimento popular e, até mesmo, ensinado em salas de aulas de escolas. O ponto é que, independente do conhecimento científico que argumenta o planeta esférico, a conspiração se preocupa em levantar questionamentos retóricos em contraponto à comprovação científica e não argumentos comprobatórios.

Da maneira contrária, tendem a construir narrativas que atacam, até mesmo, o processo de comprovação científica e que podem ganhar destaque entre um grupo de pessoas através de argumentações rasas e simplistas que não implicam, necessariamente, nenhum conhecimento prévio sobre o assunto para serem aceitas no âmbito popular e de senso comum.

Essas narrativas podem transbordar na sociedade quase que por toda a parte, dentro de diferentes grupos sociais: igrejas, produtos de entretenimento midiáticos, discursos políticos e ideológicos; que podem se basear nelas para justificar as suas atitudes em meio a sociedade. Desta maneira, compreende-se que as Teorias da Conspiração são fenômenos não recentes e que podem desenvolver um papel fundamental na cultura, na crença e no comportamento social dos indivíduos. Como aborda Oliveira (2020) ao compreender os estudos de Vosoughi *et al.*, 2018 que reflete sobre os desafios da comunicação de qualidade em um cenário em que a desinformação faz parte do dia a dia das pessoas, sendo que

um dos maiores desafios nos ecossistemas informacionais contemporâneos é a circulação da desinformação. Nos últimos anos, tem sido recorrente uma preocupação no debate público, político e acadêmico sobre temas como “pós-verdade” e “notícias falsas” (Vosoughi, *et al.*, 2018), em que fatos alternativos e teorias da conspiração emergem como campo de disputa sobre a verdade. (OLIVEIRA, 2020. p. 22 *apud* Vosoughi, *et al.*, 2018)

Desta forma, neste tópico, buscou-se compreender aspectos que moldam as narrativas compreendidas como Teorias da Conspiração, dada a popularização no meio social e digital assim como os fatores que podem ser considerados vetores de aceitação por parte dos públicos que participam da convenção em condições de consumidores, produtores e resultantes destas. Segundo Rezende (2019) estas ideias podem ter explicação no âmbito social e presente na vida ordinária das pessoas, isto é,

¹ Para esta pesquisa, utilizou-se de Carvalho (2012, p. 2) que compreende que “mídias sociais são serviços (sites, aplicativos) da internet caracterizados pelas possibilidades de participação, compartilhamento de informações e conversação”.

“[...] as ideias ou crenças conspiratórias passaram a ser vistas não mais como uma simples prerrogativa de extremistas, mas como uma forma de explicação social cotidiana e uma maneira cada vez mais comum de compreender questões diversas, como o contexto político, o aumento da vigilância, a ameaça à privacidade proveniente do desenvolvimento da tecnologia ou o aumento do poder das corporações transnacionais (REZENDE *et al.* 2019 *apud* Jolley & Douglas, 2014)

Ao tentar estabelecer um conceito para teorias da conspiração, Lewandowski e Cook (2020) destacam essa corrente de pensamentos como sendo, excessivamente, cética em relação a toda informação que não favoreça o argumento do indivíduo que acredita na conspiração bem como a relaciona com a ideia de que as narrativas oficiais podem se basear em fraudes ou tentam esconder algo. Afinal de contas, a verdade que se procura revelar em uma teoria da conspiração é aquela que é construída através do mistério, do oculto sobre os fatos e não a de caráter informacional.

Uma teoria da conspiração tem um corpo, uma estrutura funcional que por mais que, em muitos casos, possa parecer que as informações são desordenadas, fragmentadas, elas ocupam uma lógica que, segundo Machado (2005) “trata das formas dos argumentos válidos, ou seja, dos modos legítimos de chegar a conclusões a partir de um conjunto de premissa”, sendo muito semelhante em diversos casos, não só suas características semelhantes entre si, mas como também seus grupos formadores, peculiaridades muito específicas. Ao refletir sobre a maneira que as teorias da conspiração são construídas, Costa *et al* explica que

teorias da conspiração em geral são construídas intencionalmente ou amplificadas por razões estratégicas e políticas. Apesar de não se basearem em fatos e conspirações reais, nada impede que elas ganhem projeção, levando à polarização da opinião pública, radicalização política e episódios violentos (Costa *et al*, 2022, p. 219)

O pensamento conspiratório, nesse sentido, conforme Rezende (2019), se sustentam em hipóteses especulativas que sugerem pessoas ou grupos envolvidos em ações secretas e deliberadas de um evento ilegal ou prejudicial. Assim, os teóricos da conspiração poderiam ser vistos como vítimas minoritárias, portadoras de um saber oculto e, da mesma forma, destacados como heróis por enfrentar uma realidade hegemônica e mais forte.

Neste sentido, Rezende (2019) propõe que ao transferir o sentido de um fenômeno que pode ser incerto a um ponto de causa e efeito, as teorias podem assumir um papel redutor de desconforto diante ao imprevisto, tornando o indivíduo um potencial portador do conhecimento que, para ele, são consideradas reais e podem diminuir os impactos das

incertezas e do possível caos da experiência humana. Ao compreender a discussão teórica proposta por Jolley, Douglas e Sutton (2017), Rezende (2019, p. 39) explica que “as teorias da conspiração passaram a ser vistas como uma forma de dar sentido à incerteza cognitiva do cotidiano”. Neste sentido, é possível compreender que

quando confrontadas com informações sobre um evento considerado inexplicável, as pessoas procuram minimizar a incerteza através de atalhos cognitivos, que fazem com que os indivíduos sigam a lógica de ideias conspiratórias” (REZENDE, 2019, p. 39 *apud* Jolley; Douglas; Sutton, 2017)

Para Rezende (2019), característica importante da teoria conspiratória é a explicação causal para fenômenos sociais complexos. De certo modo, as crenças conspiratórias buscam uma função explicativa simples em vista de uma ordenação de mundo mais compreensível e previsível. Com efeito, as pessoas parecem mais propensas a revestir de teorias conspiratórias eventos de grandes dimensões considerados chocantes, nocivos e ameaçadores, por exemplo: os ataques do 11 de Setembro, em Nova York, catástrofes climáticas, ascensão de políticos extremistas ao poder em diferentes nações, como o caso do então Presidente Russo, Vladimir Putin, o Ex-Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump e entre outros.

Fragoso (2023), ao concluir seu estudo sobre teorias da conspiração, também aborda a capacidade do pensamento conspiratório de criar aproximação identitária dentre os adeptos, ao utilizar-se dos sentimentos de angústias e medos que são comuns a diferentes grupos sociais e ao dar a estes uma possibilidade maior de pertencimento. Conforme Fragoso (2023) explica conteúdos conspiratórios,

embora o conteúdo das TCs apele a um amplo espectro de angústias e medos, a adesão a elas provê segurança e controle, graças tanto à simplicidade lógica dos raciocínios propostos (baseados em maniqueísmo e causalidades lineares) quanto à valorização identitária, em torno da qual solidificam-se critérios de pertencimento (Fragoso, 2023, p. 374)

No que se refere ao contexto brasileiro, Fragoso (2023) associa as teorias da conspiração a um cenário amplo, complexo e diverso de desinformação. Para a autora, na Comunicação, é possível observar três abordagens predominantes: a jornalística, retórica e a sócio-técnica. Em relação à primeira perspectiva, as discussões circulam entre a informação falsa e o conhecimento factual. No que se refere aos aspectos retóricos, o debate gira em

torno da estrutura discursiva de peças desinformativas. E, por último, no âmbito sócio-técnico, a desinformação em cenários digitais enfatiza o papel dos algoritmos, das ferramentas de busca em sistemas de redes sociais.

Fragoso (2023) fundamenta-se, ainda, em Lutav (2018), ao mencionar a expressão “Teoria da Conspiração” como “tipicamente estadunidense” e relativa, sobretudo, a narrativas políticas repercutidas na imprensa que não são, necessariamente, falsas, mas não encontram comprovação ou evidências. As teorias da conspiração oferecem adesão e controle, conforme Fragoso (2023, p. 374) “à simplicidade lógica dos raciocínios propostos (baseados em maniqueísmo e causalidades lineares) quanto à valorização identitária, em torno da qual solidificam-se critérios de pertencimento.

Para Fragoso (2023), as teorias da conspiração figuram-se mais atraentes a indivíduos ou grupos socialmente fragilizados, em função de um prejuízo por uma ordem social desfavorável ou por que sofreram a perda de privilégios, pode ser que estes indivíduos, tornem-se, assim, público de interesse de produtores de conspiração.

Conforme Rezende (2019), a partir de uma amostra com 480 estudantes de graduação nos Estados Unidos, foi possível aferir a relação das crenças em teorias conspiratórias como necessidade de fechamento cognitivo e o desejo de controle sobre determinada realidade. O autor apoia-se em Moulding *et al.* (2016) para afirmar a correlação entre pensamentos conspiratórios e intolerância à incerteza, o que aponta à preferência por explicações simplificadas engendradas por teorias da conspiração.

Indivíduos expostos a um grande número de informações e pensamento conspiratório, podem experimentar um estado alterado de ansiedade mediante ao meio social em que está inserido, seja de forma online ou offline, uma vez que o controle sobre esses tipos de conteúdo é mínimo e o juízo de valor sobre a credibilidade do meio em que consome essas informações pode acontecer de forma subjetiva de indivíduo para indivíduo. Conforme aborda Rezende (2019)

as pessoas que sentem esse controle ameaçado, se voltam para as teorias conspiratórias como forma de rejeitar narrativas oficiais e criar explicações alternativas (Goertzel, 1994), reduzindo o sentimento de ameaça e instabilidade (Bost & Prunier, 2013). Além disso, estudos indicam que os indivíduos aderem às teorias conspiratórias quando estão ansiosas (Grzesiak-Feldman, 36 2013), impotentes (Abalakina-Paap, Stephan, Craig, & Gregory 1999) e quando sentem falta de controle sociopolítico (Bruder, Haffke, Neave, Nouripanah, & Imhoff, 2013)

O pesquisador Norte Americano sobre a temática, Michael Butter, em uma entrevista para a BBC News Brasil, em 2024, ao sistematizar a abordagem conspiratória, argumenta que

as teorias da conspiração assumem que **nada é por acaso, que resulta na suspeição das narrativas oficiais**, ou seja, sempre existem sistemas e grupos secretos, geralmente pessoas poderosas com algum domínio sobre o estado, órgãos políticos, até mesmo sobrenatural que arquitetam e planejam esses acontecimentos com objetivos individuais.

Objetivos esses que, geralmente, escondem **intenções nefastas e que por isso, deve-se olhar por trás das cortinas**, assim argumenta Butter (2024) que o pensamento conspiratório consente que “as coisas realmente importantes, acontecem em segredo” tomando o indivíduo de um sentimento de desconfiança, medo. Entende-se, desta forma, que pode causar danos psicológicos, podendo levar a atitudes e pensamentos, que extrapolam os limites da racionalidade estabelecida socialmente.

Na sistematização do pensamento conspiratório, as teorias acusam que **tudo está conectado**, isto é, que diferentes acontecimentos, palavras, pessoas, entidades supranaturais e organizações de poder maior estão tramados e articulados em torno de diferentes objetivos nefastos. Ligações essas que, muitas vezes, podem beirar o absurdo, mas que conforme a narrativa dos fatos é pensada e organizada, mesmo que não tendo ligação nenhuma, ao extrair elementos específicos comuns uns aos outros, acabam criando a possibilidade de transmitir uma falsa sensação de conexão. Processo de ressemantização, de deslocamento de sentidos, que confunde e que pode criar um espectro de suspeição no imaginário coletivo.

É importante para esta pesquisa sintetizar o conteúdo destas teorias, com o objetivo de entender de forma simples, considerando as principais alegações do conteúdo conspiratório e, em um segundo momento, observar se os critérios analíticos próprios estão presentes nestas narrativas.

Desta maneira, as características da narrativa conspiracionista foram organizadas de forma a identificação dos elementos narrativos comuns entre teorias da conspiração populares no *TikTok*. Definiu-se da seguinte maneira: **1) Excessivamente cética em relação a fontes oficiais, científica ou comprovação jornalística; 2) Na narrativa, nada é por acaso; 3) Induz o locutor a “olhar por trás da cortina” e 4) Tudo está conectado**. É importante ressaltar que esta pesquisa não tem a intenção de criar um cálculo para identificar se é ou não uma conspiração, a checagem deixamos por conta de portais jornalísticos e de iniciativas específicas do *fact-checking*.

Destaca-se que os estudos sobre teorias da conspiração devem ser considerados contínuos e pertinentes, uma vez que os prejuízos, já abordados da circulação desses conteúdos, é algo que precisa-se combater ao mesmo tempo que surgem e se aprimoram por meio dos processos e dos meios de comunicação. A adesão a essas narrativas como busca

alternativa a explicações sobre fenômenos da natureza, da sociedade e da política, é um ponto que precisa ser encarado como um problema a ser gerido no campo da Comunicação Social e compreender essas estruturas narrativas, pode servir como uma importante ferramenta de desenvolvimento para o campo.

2.1 Narrativa, Verdade e Ideologia

Narrativa que ganham proporções abrangentes e impactam diferentes setores da sociedade, são pautas de discussões no campo da Comunicação. Como proposto por este trabalho, buscou-se identificar elementos narrativos que são comuns na construção de um conteúdo identificado como teoria da conspiração, não é objetivo da pesquisa a criação de uma fórmula matemática, um elemento de checagem sobre o que é ou não uma teoria da conspiração.

Durante diferentes períodos da história, principalmente, quando diz respeito a formação política e ideológica de muitas nações, percebe-se que as teorias da conspiração ditaram pensamentos coletivos, estruturaram políticas de governo e pensamento e extrapolaram os limites da história contada.

Desta forma, ressalta-se a importância da dedicação futura desta pesquisa, em abordar esses elementos que agem tão bem, na crença popular, principalmente, daqueles internautas mais assíduos e propícios aos estímulos de formadores de opinião das mídias sociais digitais.

Como explica Barthes (1971, p.19) “a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas as substâncias”, ou seja, um conteúdo audiovisual pode se consolidar como uma narrativa, independente do meio onde está inserido.

As diferentes formas de uma narrativa, não são uma característica contemporânea, como argumenta Barthes (1971) ao realizar uma retomada histórica sobre diferentes produções, isto é,

[...] está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, no drama, na comédia, na conversação, na pantomima, na pintura (recorde-se a Santa Úrsula de Carpaccio), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação.
[...] (Barthes *et al.*, 1971)

Compreendendo essa universalidade, que o autor vai chamar de infinitas formas de narrativas e destaca-se também importância para a evolução dos processos de comunicação

ao longo do desenvolvimento da história do mundo, ou seja, segundo Barthes (1971) “a narrativa começa com a própria história da humanidade”

Outro ponto importante dos estudos do autor para esta pesquisa, é a função de determinadas unidades de sentido de uma narrativa, já que para compreender de forma qualificada os elementos intrínsecos de uma narrativa conspiracionista, é preciso extrair uma idéia central, comum a diferentes contextos de conteúdo. Como o autor aborda,

[...] é uma questão de estrutura: na ordem do discurso, o que se nota é, por definição, notável: mesmo quando um detalhe parece irredutivelmente insignificante, rebelde a qualquer função, ele tem pelo menos a significação de absurdo, ou de inútil[...] (BARTHES, Roland et al. 1971 pág. 29)

Desta forma, é possível compreender que, determinadas teorias da conspiração, podem possuir funções significantes específicas, isoladas dentro de um tema ou assunto, uma vez de que, de forma geral, alguns de seus elementos podem se aproximar dentro de um campo semântico, por exemplo, a ideia de grupos secretos que estão por trás de situações específicas: a conhecida conspiração *Illuminati*, assim como a ideia de um herói, um mito, em contrapartida aos grupos, uma vez que a clássica narrativa de mocinho e vilão se apresenta muito eficiente a diferentes públicos.

Ao compreender que tudo dentro de uma narrativa possui um sentido, mesmo sendo ele o do absurdo, conforme aduz Barthes (1971), compreende-se também que, em uma soma dessas produções, é possível entender que pode existir uma aproximação ideológica que une diferentes teorias da conspiração. Seria então, o produtor da conspiração o portador da verdade sobre o mundo, sobre as coisas?

Uma teoria da conspiração pode se vestir de verdade, isto é, busca se justificar ao ponto de que seus argumentos ofereçam dados suficientes para que o interlocutor, ao menos, fique tentado a se questionar sobre aquilo que está sendo proposto. O pesquisador Simmons (2024) ao compreender as reflexões de Platão, reflete que

segundo a teoria da correspondência, a verdade consiste na correspondência com os factos. Um portador de verdade (por exemplo, a proposição de que a neve é branca) é verdadeira se e só se corresponde a um facto (que a neve é branca). Em traços gerais, a verdade é uma propriedade relacional entre portadores de verdade, de um lado, e o mundo, do outro. (Simmons, 2024, p. 1)

Esta teoria nos propõe que a verdade pode ser objetiva e que se relaciona com fidelidade aos fatos, ou seja, não dá espaço para imprecisão em relação ao estado das coisas. Explica Simmons (2024) que “não há uma teoria específica da verdade”, uma vez que ela

depende de uma relação de correspondência, assim, se um conjunto de indivíduos compartilham de um conjunto de ideias conspiracionistas, tornam-se uma verdade a este coletivo?

o nosso conhecimento do mundo é mediado pelas nossas descrições, interpretações e juízos; não podemos sair do nosso próprio sistema de crenças e comparar essas crenças com a “realidade nua”. Dado que a teoria da correspondência diz que a verdade consiste em correspondência com os fatos, e dado que esses fatos nos são inacessíveis, nunca podemos saber que um juízo é verdadeiro, e somos conduzidos ao cepticismo. (SIMMONS, 2024, p. 1)

Percebe-se que as discussões sobre o que é fato, o que é verdade e os fenômenos do mundo são elementos complexos da ciências que podem cobrar escolhas teóricas muito específicas de cada pesquisador. Para dar conta de compreender em qual situação estão as teorias da conspiração, observou-se o caráter representativo de determinadas situações do mundo.

A construção desses conteúdos, pode estar diretamente relacionada a uma seletividade na composição da história, na qual, os “fatos” podem ser expostos em diferentes perspectivas e narrados estrategicamente para apresentar uma visão específica sobre as coisas. Para compreender melhor o que estrutura essa linha de pensamento, adotou-se o conceito de mimese (Gebauer, 2003) como sendo o conspiracionista, um intérprete e criador da realidade em contraposição da verdade factual. Ao compreender que o conceito pode buscar a representação da realidade, conforme suas convicções individuais ou coletivas de crença sobre o mundo e sobre as coisas. O termo, de acordo com Gebauer

[...] não significa “imitação”, mas também “fazer-se parecido”, “trazer algo à representação”, “expressar” e “pré-encenar”. Por outro lado, a mimese não pode ficar restrita à arte, à poesia e à música. A capacidade mimética desempenha uma função em quase todas as áreas humanas da ação, da imaginação, do falar e do pensar e representa uma condição imprescindível à vida social.[...] (Gebauer; Wulf, 2003, p. 21)

Desta maneira, a mimese pode ser compreendida como uma habilidade fundamental intrinsecamente ligada à evolução das relações humanas e dos processos de comunicação interpessoal. Essa capacidade de criar, de representar o mundo e as coisas, a ideia de “fazer-se” parecido, de criar representações, sejam elas absurdas ou fidedignas a verdade factual, podem ser consideradas uma realidade inseparável do processo de evolução humana.

Como aborda Vieira (2020), a mimese apresenta uma característica do ser que é de “apropriação do ser humano em seu mundo” e que é crucial para a compreensão do seu

“contexto histórico e cultural” e que pode estar diretamente ligado a forma com que se relaciona com o mundo, no “agir social e no saber prático”.

Desta maneira, uma narrativa conspiratória pode ser relacionada ao conceito de mimese em diferentes contextos, como na elaboração de realidades paralelas a realidade factual, uma vez que em contraposição às notícias, aos fatos jornalísticos e a ciência, podem criar explicações próprias para determinados acontecimentos do mundo e das coisas. Também é ponto de identificação quando essas conspirações podem ser representações de medos, temores e crianças coletivas específicas, por exemplo, a teoria da conspiração que relaciona governantes americanos e figuras influentes a uma determinada e suposta raça alienígena extraterrestre denominada de Reptilianos, que planejam dominar a terra e os governos mundiais, ou que os desastres e as pandemias acontecidos em determinados tempos, seriam obras de um anticristo, uma figura maligna comum em diferentes regiões de origens cristã.

Podem existir funções específicas na construção de conspirações que são pertinentes a este trabalho, como a possível construção de uma identificação e aproximação ideológica específica de diferentes grupos. Uma vez que essas teorias podem potencializar ações coletivas e agrupar ideologicamente grupos específicos de pessoas.

É pertinente identificar o que ideologia não representa, pois, ao ser relacionada às teorias da conspiração, pode ser confundida com o senso comum, a um jeito coletivo de pensar que, neste sentido, não condiz com o conceito. Como aborda Thompson (2009)

se reformulamos o conceito de ideologia em termos da interação entre sentido e poder, podemos também evitar a tendência, comum tanto na literatura teórica, como também no uso cotidiano, de pensar a ideologia como uma pura ilusão, como uma imagem invertida e distorcida do que é "real" (THOMPSON, 2011, p. 19)

Segundo Thompson (2009) a concepção primeira sobre ideologia, parte de Destutt de Tracy, contrapondo as ideias de Robespierre de implementar os ideais de uma sociedade republicana durante o período das reformas advindas da Revolução Francesa, considerando que o caminho para combater o que era o terror e a anarquia seria a combinação da filosofia e da educação, entendidas como uma “análise sistemática das ideias”, que defendem a racionalidade científica característica primordial do Iluminismo como um vetor transformador e revolucionário do então contexto histórico.

O autor ainda explica a concepção Marxista, a ideologia é prevalente a partir das classes dominantes, ou seja, as ideias das classes dominantes seriam aquelas que irão imperar. Para identificar as formas como a sociedade compreende, de acordo com Thompson (2011, p.

51) “formas ideológicas de consciência”, o autor reflete, a partir de Marx, nos estudos dele sobre Ideologia, ao longo dos anos, que é preciso entender de que forma se dá o “desenvolvimento das condições econômicas de produção”. Entende-se que ela provém do interesse privado de uma classe dominante que deseja se manter dominante e, sobretudo, em posse das propriedades e dos meios de produção. Ou seja, a consciência ideológica é sempre advinda da classe dominante. Na concepção latente de Ideologia, Marx adota um pensamento mais coberto de lamentações do que em outros momentos. Tal pensamento, ao não se dirigir diretamente ao termo ideologia, o compreende como ideias, pensamentos, superstições e preconceitos que sustentam relações de dominação de classes, levando as pessoas a guiar suas posições ideológicas sobre orientação do passado e não para o futuro. Seria então uma ideologia uma ideia central de poder subsequente?

O autor discute o caráter negativo que o conceito carregou durante a história do desenvolvimento do pensamento sobre o assunto que, segundo Thompson (2011, p. 62) “as doutrinas e ideias constitutivas da ideologia pertenciam ao reino da abstração, da representação e da Ilusão”. Uma vez que é possível compreender que esses agrupamentos constituintes de um possível pensamento coletivo, podem ser oriundos de estímulos presentes nas diferentes formas de relações sociais presentes na sociedade, dentre elas, as teorias da conspiração. A teórica Marilena Chaui (2014) aborda que

[...] a ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade, e vemos que essa representação é sempre necessariamente invertida.[...] (CHAUI, 2014, p. 84)

Uma compreensão possível sobre o que se sabe acerca de uma possível construção da discussão sobre o que é ideologia, é que ela remonta e acompanha, historicamente, as relações sociais no âmbito das disputas de poder, tanto no campo da ciência, opinião pública, cultura, política e religião. Chaui (2014, p. 84) destaca que “a ideologia fábrega uma história” e pode funcionar com uma forma de unidade coletiva que, conforme a autora (2014, p. 8) “reduz o passado e o futuro às coordenadas do presente”, na qual, uma sociedade, independente de onde se organiza, pode estabelecer uma unidade identitária em torno de uma ideia básica carregada de precedentes simbólicos.

[...] assim por exemplo, a ideologia nacionalista faz da nação o sujeito da história, ocultando que a Nação é uma unidade imaginária, pois é constituída efetivamente por classes sociais em luta. A ideologia estatista faz do Estado ou da ação dos governantes ou das mudanças de regime políticos o sujeito da história, ocultando que o Estado não é um sujeito autônomo, mas instrumento de dominação de classe social,

e, portanto, o sujeito dessa história estatis imaginária é, afinal, apenas a classe dominante.[...] (CHAUI, 2014, p. 114)

É comum, em meio ao universo das teorias da conspiração, principalmente, nas mídias sociais digitais, potencializadas pelo rápido avanço dos processos de socialização dos conteúdos na web, observar entre grupos de extrema direita, a utilização das mesmas como base para refutar conhecimento científico e informação factual jornalística.

Ao deparar-se, por exemplo, em um cenário de desinformação em que a confusão entre o real, o fatídico e comprovado perde espaço para o conspiratório, a opinião pública elege verdades inadequadas à realidade, comportamentos que podem ser nocivos para o bom, em um trocadilho popular, “andar da carruagem”, criando, desta maneira, um espaço para possível acessão de problemática muito complexas e até mesmo causando riscos a saúde pública, como a descredibilização da ciências e os ataques a efetividade de vacinas, como: contra a COVID-19, H1N1 e entre outras que, atemporalmente, são assombradas pelas atitudes de parcela da população que, em muitos casos, nem sequer sabe a origem do pensamento conspiratório e, ainda assim, é estimulado a crenças antivassinas. Como afirma Miskolci (2023)

a importância do fenômeno da desinformação em meio à pandemia de Covid-19 se associou à percepção, por órgãos de saúde, de que vivemos uma avalanche informativa. Tal quadro levou a Organização Mundial da Saúde (2020) a declarar que vivemos – junto com a pandemia – uma “infodemia”, ou seja, sugerindo que o excesso de informações criaria um contexto propício à desinformação. Esse contexto de avalanche informativa criou um terreno afeito a diferentes formas de questionamento das autoridades de saúde. Além disso, a desinformação contemporânea se desenvolve em um contexto diferente de quando foi criada pela indústria do fumo, o que torna necessário dar um passo atrás em busca de definições para desinformação e *fake news* criadas desde antes do deflagrar da pandemia até a sua vigência. (MISKOLCI, 2023, p. 13)

Ao mesmo tempo, no âmbito social e político, a luta pelo poder nas sociedades democráticas passa, conforme lembra Castells (2018) pela política midiática, pela política do escândalo e pela autonomia comunicativa dos cidadãos. De acordo com o autor espanhol,

nossa construção da realidade e, por conseguinte, nosso comportamento e nossas decisões dependem dos sinais que recebemos e trocamos nesse universo. [...] Na prática, só existe a política que se manifesta no mundo midiático multimodal que se configurou nas últimas décadas. Nesse mundo, as mensagens midiáticas que formam opinião devem ser extremamente simples. Sua elaboração é posterior ao seu impacto (CASTELLS, 2018, p. 26)

De forma consequente, as atitudes, opiniões, posicionamentos e escolhas políticas, de pertencimento e participação dos indivíduos frente às questões de impacto social mais abrangentes podem ser guiadas, somadas a outros estímulos que não podem ser

desconsiderados, também pelos impactos dos estímulos destas teorias, em sua grande maioria, são desprovidas e descompromissadas a verdade.

Para Castells (2018), a política como sendo fundamentalmente emocional faz com que a impressão torne-se opinião e que se confirma no debate contínuo das redes e na interação constante com as mídias. Neste sentido, é lícito supor que o pensamento conspiratório, fundamentado em aparatos tecnológicos de comunicação, mobilize uma dinâmica emocional, pessoal e fragmentária. Dessa maneira, Castells (2018, p. 28) explica que as mensagens acabam por formar uma “onda bravia e multiforme”, que são difundidas “imagens e frases lapidares aos milhares” e transformam a incerteza “na única verdade confiável: a minha, a de cada um”.

Parte-se do pressuposto de que uma teoria da conspiração pode ser produzida de forma intencional e pode utilizar de um domínio e conhecimento tanto sobre como produzir conteúdos para web, quanto sobre uma construção adequada de uma narrativa que pode efetivar-se em um ambiente digital, uma vez que o TikTok, que vem a ser o espaço no qual esta pesquisa explora esses conteúdos, quanto na forma mais básica de uma narrativa, possuem uma estrutura de funcionamento básica. Destaca-se também que estes conteúdos podem fazer parte de uma relação ideológica comum, manifestada por diferentes grupos de forma orgânica.

2.2 Inteligência Artificial, Algoritmos e Construção da Conspiração

Um elemento de importante destaque nesta pesquisa é a observação de que no espaço e nos recortes dos conteúdos conspiratórios selecionados para este trabalho, foi possível observar a recorrência do uso de inteligência artificial na produção desses conteúdos, como um elemento que pode contribuir para a composição desses conteúdos conspiratórios. Compreende-se que uma conspiração pode depender de elementos que se passem por tangíveis que possam ser utilizados na construção do conteúdo, pois, muitas vezes, tratam-se de suposições que podem ter sido criadas por uma pessoa ou por um grupo conforme seus interesses particulares. Contudo, supõe-se que o(s) emissor(s) destas mensagens, pode desejar que ela seja a mais assertiva possível, a fim de que se torne minimamente convincente ao consumidor desta proposta.

Compreende-se que não somente no conteúdo, mas também na circulação e socialização destas conspirações podem conter presença de uso de inteligência artificial (IA), portanto compreende-se que os criadores destes conteúdos, seja qual for o seu interesse, podem buscar inúmeros recursos capazes de contribuir para construção destas que pode estar encontrando em ferramentas de IA, elementos importantes para a construção dos elementos narrativos de suas conspirações. Para Joanguete,

Inteligência Artificial (IA) é um campo multidisciplinar da ciência da computação que se concentra no desenvolvimento de sistemas e máquinas capazes de realizar tarefas que normalmente requerem inteligência humana. A IA busca criar agentes inteligentes que possam perceber o ambiente, raciocinar, tomar decisões e resolver problemas de maneira autônoma. (JOANGUETE, 2023, p. 3)

Observa-se que a IA pode exercer uma função estratégica dentro dessa narrativa e também na circulação, uma vez que tem uma capacidade de resolução mesmo que sem julgar a qualidade e aproximação com a realidade, problemas complexos. Joanguete (2023, p. 3) aponta que “a definição de IA engloba uma variedade de conceitos e abordagens”, o que pode ser compreendido como uma complexidade de simplificação do conceito que podem incluir “aprendizado de máquina, raciocínio baseado em regras, processamento de linguagem natural, visão computacional, redes neurais, algoritmos genéticos e muito mais” (JOANGUETE, 2023, p. 3).

Desta maneira, compreende-se que uma IA pode operar de forma estratégica para resolver situações complexas de forma mais rápida e com uma maior riqueza de informações concentrada sobre o assunto. Joanguete (2023, p. 3) aponta que “a definição de IA engloba uma variedade de conceitos e abordagens”, o que pode ser compreendido como uma complexidade de simplificação do conceito que podem incluir “aprendizado de máquina, raciocínio baseado em regras, processamento de linguagem natural, visão computacional, redes neurais, algoritmos genéticos e muito mais” (JOANGUETE, 2023, p. 3).

Destaca-se que, ao realizar uma exploração para construção do estado da arte deste trabalho, observou-se que as discussões teóricas em torno do conceito de IA, decorrem nas áreas de desenvolvimento tecnológico e computacional, por se tratar de elementos que podem ser desenvolvidos, principalmente, por organizações focadas no estudo e desenvolvimento de máquinas, computadores, dispositivos e aplicativos que avança tecnologicamente em direção a construção de IA's, cada vez mais, capacitadas para exercer tarefas e desenvolver situações de alta complexidade com alta eficiência. No campo da comunicação, os estudos

sobre a temática podem ser considerados recentes, devido à atual ascensão da temática em meio ao campo.

A pesquisadora Ângela Ferreira (2023), a partir dos estudos de Jovanovic & Campbell (2022), observa a diferenciação entre “Inteligência Artificial” e “Inteligência Artificial Generativa”, a primeira trata-se das técnicas e aplicações, já a segunda, trata das abordagens que envolvem a criação de conteúdo original e inovador por parte das máquinas. Como explica Corredera (2023),

etiquetamos con ese nombre al conjunto de métodos y aplicaciones capaces de generar contenidos (texto, imágenes, software o cualquier otra cosa) con características indistinguibles de las que produciría un ser humano. Para ello, esencialmente, las aplicaciones aprenden las características propias de los contenidos para las que han sido concebidas, a partir de una colección considerable de ejemplos reales, preferentemente de manera no supervisada, y terminan por ser capaces de producir nuevos contenidos con esas propiedades, con las instrucciones de generación que les pueda dar un usuario humano (instrucciones típicamente construidas en lenguaje natural o prompts). (CORREDERA, 2023, p. 476)

É possível, através do comando dados pelo interessado na produção do conteúdo, a depender da capacidade do aplicativo ou *software* de IA Generativa, criar-se recursos, tanto de imagem, quanto de voz e texto, que podem se assemelhar a cenário reais, pessoas, voz e construir narrativas que podem ser consideradas convincentes ao telespectador.

Nesta que é conhecida como classificação de Inteligência Artificial Generativa, destaca-se como fator favorável para a construção de uma conspiração, já que muitos destes conteúdos carecem de comprovação, seja através de dados ou seja pelo uso de imagens documentais.

Santaella (2022, p.10) afirma que a “ gigantesca criação, produção, difusão e consumo diários de textos, imagens, vídeos e sons”, que encontramos nas mídias sociais, em especial, naquelas compartilhamento de vídeos que “funcionam como substratos para o crescimento de criações que utilizam a IA” (Santaella, 2022, p.10). Como aborda a autora, “no domínio das artes (visuais, sonoras, audiovisuais e cenográficas), a IA tem entrado com grande força” (2022, p.10).

É indiscutível que a eficiência com as coisas se disseminam na web tem papel fundamental no crescimento destes conteúdos que são entregues a parte da população, sobretudo naqueles grupos que podem compartilhar interesses. Entende-se, desta forma, a força que o algoritmo pode exercer na entrega desses conteúdos, como explica Santaella (2021), boa parte de tudo que chega até internauta, já está rodeado algoritmos e IA.

Todos os estudos, sendo eles pragmáticos ou não, caem no campo das discussões racionais, na qual, argumentações rasas e com características mitológicas não constituem argumentos. Desta forma, é importante para esta pesquisa destacar que, uma teoria da conspiração pode ser considerada um conteúdo que circula com cara de informação, como algo que as pessoas precisam se preocupar e que pode gerar um medo no ser humano, em que o mesmo pode perder a confiança nos meios jornalísticos tradicionais, na ciência e basear-se em outras formas de reunião de preceitos populares com em crenças comuns da humanidade, como a religião, as sobrenaturalidades, os mitos e o esclarecimento é uma forma de verdade sobre o mundo.

3 PROCESSO METODOLÓGICO

É importante para este estudo, um aparato teórico aprofundado para entender o universo que interessa o *corpus* desta pesquisa. Para dar conta deste tópico, este trabalho traz como método a Pesquisa Bibliográfica (Stumpf, 2005). Entende-se que essa metodologia faz parte da maioria dos formatos e dos trabalhos acadêmicos conhecidos, já que ela possibilita que o pesquisador se debruce sobre o existente teórico daquilo que está sendo desenvolvido na pesquisa, ou seja, conforme explica Stumpf (2005),

em um sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (Stumpf, 2005, p. 51)

A pesquisa bibliográfica possibilita que o pesquisador construa um caminho desde o momento da observação e a especulação sobre o assunto, do estado da arte, até o momento em que efetivamente se escolhe os trabalhos existentes que irão fundamentar a pesquisa, assim como as observações e direcionamentos do autor do trabalho sobre aquilo que escolheu.

O assunto teorias da conspiração, traz uma gama de conteúdos que precisam ser observados e que, de certa forma, fazem sentido e parte do universo desta pesquisa, porém, ao realizar uma pesquisa bibliográfica é muito importante separar, selecionar aquilo que é de mais relevância para a estrutura do trabalho.

Passo fundamental para a realização da pesquisa bibliográfica é a definição do tema a ser abordado, para Stumpf (2005, p. 51) é preciso “definir o tema com precisão”, uma vez que não somente o tema, também, a partir deste, palavras-chave que irão auxiliar a direcionar os esforços no sentido de aproveitar melhor os aparatos teóricos encontrados no percurso.

No que tange às teorias da conspiração, que é o universo desta pesquisa, é fundamental distinguir os sentidos aplicados à palavra teoria, considerando que do ponto de vista estrutural da pesquisa, as teorias utilizadas exigem um consolidação e fundamentação científica. Já o termo teoria da conspiração, como é trabalhado posteriormente neste estudo, trata-se de suposições desconectadas de comprovações científicas, por tanto, não se trata de um referencial teórico.

Para compreender as particularidades específicas do que tange o universo das teorias da conspiração, este trabalho utiliza do método de análise de conteúdo (Bardin, 1977), para

estabelecer categorias de análise a partir de critérios pré-definidos. De maneira, a entender cada elemento narrativo, de forma singular e de como eles se aproximam segundo aos critérios que delimitam o *corpus* de análise, como explica Bardin (1977, p. 178), "impõe a investigação do que cada um deles (os elementos escolhidos) têm em comum uns com os outros".

Em primeiro momento, busca-se realizar a "pré-análise", na qual, é organizado o conteúdo de modo geral que será analisado a fim de traçar um caminho para a pesquisa posteriormente, com base nos critérios a serem definidos, é construída a análise propriamente dita do conteúdo selecionado. Conforme Bardin (1977) detalha,

esta fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise (Bardin, 1977, p. 95)

Esse momento, é importante para observar como as narrativas são construídas a partir dos discursos utilizados, sejam eles escritos ou audiovisuais, com o objetivo de encontrar elementos que se aproximam dentro do ponto de vista semântico² para sistematizar e organizar, de maneira que as palavras de mesmo sentido no discurso, sejam contabilizadas e destacadas por suas proximidades de sentido. Como argumenta Bardin (1977)

esta primeira análise estabelecida por aproximações semânticas ligeiras («cow-boy, cavalo, espora, rodeo», ou «Sabedoria, serenidade, meditação, reflexão»), mas não despidos de critérios de agrupamento (o cavalo, a sabedoria meditativa), permite representar a informação de maneira condensada: por exemplo, através de um diagrama em barras por ordem decrescente de frequência, ou ainda por um alvo de «constelações de atributos» [...] (Bardin, 1977, p. 93)

Desta forma, estando as informações organizadas de maneira que o pesquisador consiga extrair de forma efetiva o que se assemelha enquanto sentidos dos discursos, cria-se, conforme Bardin (1977, p. 93) "um sistema de categorias é válido se puder ser aplicado com precisão ao conjunto da informação", para uma maior produtividade e enriquecimento da pesquisa.

As teorias da conspiração podem apresentar uma característica narrativa comum umas às outras. Para entender de forma mais precisa como a construção do discurso conspiratório acontece, esta pesquisa utiliza critérios próprios para analisar com base nos estudos de Butter (2024) e Lewandowsky e Cook (2020) sobre a sistematização da temática.

² Relativo ao significado ou ao sentido das unidades linguísticas.

Para dar conta de escolher quais serão as teorias da conspiração analisadas nesta pesquisa, é utilizado o critério de popularidade da temática na mídia social digital *TikTok*. Desta maneira, esta pesquisa busca realizar a análise dos conteúdos audiovisuais e textuais de narrativas conspiratórias no *TikTok*, compreendendo a existência de abordagem direta e indireta, a partir da elaboração de categorias que agrupam ideias centrais em cada narrativa, definidos³, sendo esses; **1) Excessivamente cética em relação a fontes oficiais, científica ou comprovação jornalística; 2) Na narrativa, nada é por acaso; 3) Induz o locutor a “olhar por trás da cortina” e 4) Tudo está conectado.** O quadro abaixo detalha como será realizada a análise de cada critério.

QUADRO 1 - Critérios para análise de teorias da conspiração no *TikTok*

1) Excessivamente cética em relação a fontes oficiais, científica ou comprovação jornalística	O conteúdo apresenta carência de fontes oficiais, sendo estas identificadas através do viés de comprovação científico ou da checagem de fatos.
2) Na narrativa, nada é por acaso, escondem-se intenções nefastas	A narrativa transmite ao interlocutor a ideia de que tudo tem um sentido oculto e que nada é por acaso, relacionado com uma ideia diretamente ligada à causa e efeito.
3) Induz o locutor a “olhar por trás da cortina”	Propõe o interlocutor que ele observe por trás dos fatos, daquilo que está sendo dito sobre os fenômenos e as coisas do mundo.
4) Tudo está conectado	Oferece ligações entre fatos, organizações e situações independentes.

FONTE: Autor (2024)

O quadro acima, oferece uma estrutura a ser observada dentro de cada narrativa selecionada para esta pesquisa, com base na revisão teórica sobre os conceitos de

³ Como as teorias da conspiração surgiram e se transformaram em instrumentos de poder”. BBC News Brasil. 2024. Disponível em: <https://youtu.be/iWi_nkP8qSQ>.

conspiração. Buscou-se compreender se essas narrativas apresentam-se de forma comum com essas características propostas. No próximo capítulo, será realizada a análise sobre a teoria da conspiração que envolve a cidade perdida no Amazonas, a cidade de Ratanabá, que, conforme observado, estava - até o momento desta pesquisa, em alta na mídia social TikTok.

4 A CONSPIRAÇÃO DE RATANABÁ NO TIK TOK

O corpus de análise desta pesquisa se dá no *TikTok*, mídia social digital caracterizada pela produção e circulação de conteúdos dinâmicos, curtos e de fácil disseminação de informações. A mídia social digital foi lançada no ano de 2016, pela empresa chinesa *ByteDance* que chegou ao Brasil no mês de setembro do mesmo ano.

O *TikTok* ganhou uma considerável expansão durante a pandemia da Covid-19, período em que grande parte da população mundial encontrava-se em isolamento social, tendo como principal forma de interação, as mídias sociais digitais. Entende-se que este contexto pode ter potencializado a rápida ascensão da mídia social, principalmente entre o público jovem. Conteúdos esses que são pensados para despertar o interesse do público de forma rápida, porém, ao utilizar o *TikTok* o internauta pode não se prender facilmente a um conteúdo que não se destaca dos demais presentes.

Outro desafio para esta pesquisa é encontrar os agrupamentos de conteúdos conspiratórios nesta mídia, uma vez que os mesmos sugerem que os algoritmos de sugestão como potencial consumidor da temática.

Para isto, pretende-se realizar a análise das narrativas da seguinte maneira: 1) no *TikTok*, são duas as maneiras possíveis: sendo a primeira a busca por meio dos assuntos mais populares realizadas pelos internautas, na própria ferramenta através do item pesquisas populares, disponíveis no menu de busca na mídia social. Neste item, será possível observar e ter acesso às buscas mais frequentes e compreender o nível de interesse caso haja um exemplo de teoria da conspiração. Após identificar uma possível teoria da conspiração neste item, busca-se o vídeo original para posterior análise conforme as categorizações explicadas no tópico acima e 2) Pesquisa por palavras-chave no *TikTok*. Desta forma, o critério para encontrar a teoria mais popular se dá pelo número de visualizações do material e considerando a data mais recente de publicação. Desta maneira, busca-se direcionar os esforços deste trabalho na análise dos conteúdos disponíveis nas mídias já abordadas com o intuito de obter dados satisfatórios para identificar a existência dos preceitos estipulados como padrão para as narrativas sob teorias da conspiração no *TikTok*.

Não é objetivo deste trabalho realizar juízo de valor sob tais teorias, nem mesmo entender a origem e a intenção. Interessa puramente compreender se as estruturas se efetivam na produção dos conteúdos conspiratórios encontrados no *TikTok*.

Buscou-se então, analisar a narrativa conspiratória encontrada nas duas mídias sociais digitais selecionadas para a pesquisa. Para esta, optou-se por realizar análise sobre uma das teorias que extrapolou ambas as duas mídias: a cidade soterrada abaixo da floresta amazônica, Ratanabá.

Durante o percurso deste trabalho, foi possível observar que a construção de uma teoria da conspiração é construída por diferentes conteúdos sobre a mesma teoria em que se fragmenta e se desdobra em diferentes situações.

Para selecionar a teoria da conspiração a ser analisada, realizou-se uma exploração primária na rede, através de um perfil criado especialmente para a pesquisa, onde foi fornecido informações e dados para a plataforma do TikTok direcionar a conta para o recebimento de conteúdos conspiratórios.

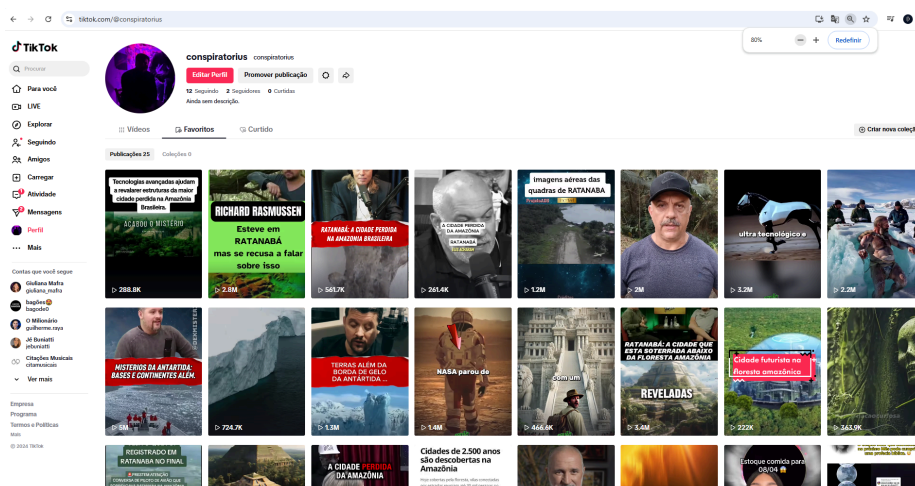
Imagem 1 - *Printscreen* do perfil criado para direcionar teorias da conspiração



FONTE: *Reprodução (2024)*

Inicialmente, através da busca personalizada, foram pesquisadas as palavras-chaves: conspiração; teorias da conspiração; terra plana; reptilianos; iluminatis; vacinas; ratanabá. Utilizou-se essas palavras por serem conteúdos que pipocam, frequentemente, nas mídias sociais em diferentes formas.

Imagem 2 - Printscreen do menu de favoritos de vídeos no TikTok



FONTE: Reprodução (2024)

Em um segundo momento, na fase de exploração, buscou-se observar os conteúdos que apareciam com mais frequência no TikTok que, neste caso, conteúdos sobre Ratanabá chegavam até a página inicial do perfil criado com mais frequências. Além disso, foi necessário salvar na aba favoritos aqueles que se destacavam pelo número de interações e visualizações.

4.1 Checagem sobre a Teoria da Conspiração sobre Ratanabá

Se por um lado, a teoria da conspiração sobre a cidade escondida na Amazônia, Ratanabá, circulou nas mídias sociais digitais de maneira veloz e a partir de diferentes tipos de narrativas, por outro lado, iniciativas de *fact-checking* apresentaram a checagem e esclarecimentos acerca da temática. Neste sentido, a partir de duas checagens realizadas por portais jornalísticos de credibilidade, pretende-se comprovar que o assunto sobre Ratanabá se trata de uma teoria da conspiração. Ou seja, pretende-se utilizar este tópico como viés de comprovação referente a teoria da conspiração estudada.

Checagem de informação é um tipo de prática utilizada, na maioria das vezes, por jornalistas para realizar a verificação sobre informações que estão disponíveis na web. Este tipo de prática está relacionada à prestação de serviço para a sociedade bem como ligada à transparência pelos meios utilizados para a verificação. Em outras palavras, conforme explicam os autores Prado e Moraes (2018, p. 10) “a checagem de fatos já está bem

estabelecida como uma nova prática jornalística, que tem suas próprias regras para assegurar que o conteúdo publicado esteja dentro dos padrões do ‘bom’ jornalismo”.

4.2 UOL Confere e MonitoR7: checagem sobre a teoria

O primeiro portal encontrado que realiza a checagem da teoria é o UOL, dentro da Seção UOL Confere⁴ que é designado especificamente para verificações. Logo no início da checagem é disponibilizado um *printscreen* de um material textual que contém informações sobre a teoria da conspiração acompanhados da etiqueta que indica se tratar de um conteúdo falso.

Imagem 3 - Conteúdo indicando ser uma teoria falsa

UOL CONFERE
Uma iniciativa do UOL para checagem e esclarecimento de fatos

Ratanabá: é falsa teoria de cidade 'escondida' na Amazônia

URGENTE: Uma cidade maior do que a grande São Paulo está na Amazônia! A antiga civilização Ratanabá vai ser e já está sendo descoberta por cientistas e historiadores. O verdadeiro interesse por dezenas de homens por Amazônia, é muito mais complicado!!!

FALSO

14 jun. 2022 - Teoria sobre "cidade soterrada" na Amazônia é infundada
Imagem: Arte/UOL

f Isabela Aleixo
Do UOL, em São Paulo
14/06/2022 18h16

+ Circulou nas redes sociais uma teoria que diz que foi descoberta uma "cidade perdida na Amazônia" chamada Ratanabá, que teria sido soterrada e que foi a capital do mundo há 450 milhões de anos. A história, divulgada pelo grupo denominado "Dakila Pesquisas", é infundada.

FONTE: Reprodução (2024)

⁴ Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/06/14/ratanaba-e-falsa-teoria-de-cidade-escondida-na-amazonia.htm>>.

Durante o texto da checagem, é descrito o contexto em que surgiu a teoria e no primeiro parágrafo, mais uma vez, é reforçado o fato de ser um conteúdo não verdadeiro.

a teoria foi compartilhada por uma página de fofoca com mais de 17 milhões de seguidores no Instagram. No Twitter, a mesma página chegou a se retratar no dia seguinte. "O perfil caiu numa fake news que vem circulando diariamente no *TikTok* e demais redes. Pedimos nossas sinceras desculpas", diz um comunicado. Houve ainda um pico de buscas pelo termo Ratanabá entre os dias 10 e 11 de junho no Google (ALEIXO, 2022).

De maneira geral, o texto da checagem apresenta diferentes argumentos e elementos que ajudam a comprovar a credibilidade da verificação e que reforçam o porquê da teoria não ter amparo em fatos verdadeiros.

Outro portal jornalístico que realizou a checagem sobre a teoria estudada nesta pesquisa foi o R7, através da Seção do MonitoR7⁵ que é específico em *fact-checking*. Neste sentido, o material possui no título a afirmação de que se trata de uma teoria infundada. "Perfis de fofoca ajudaram a difundir a descoberta de Ratanabá, mas várias evidências mostram que esse Eldorado não existe" (ALEJANDRO, 2022). O texto da checagem apresenta uma explicação sobre a origem da teoria da conspiração e reforça as ausências de fatos.

a teoria de Ratanabá cai por terra em razão de algumas informações que, pelo menos no momento, são consenso no meio científico. Os "cientistas" do Dakila afirmaram que a "cidade perdida" teria por volta de 450 milhões de anos e teria sido fundada pelos Muril, o primeiro povo a habitar a Terra, há cerca de 600 milhões de anos. Porém, nesse período, não havia floresta amazônica nem a Terra era ocupada por humanos — nem dinossauros existiam" (ALEJANDRO, 2022).

Compreende-se, desta forma, que a checagem realizada por meios de comunicação de credibilidade e que valorizam as iniciativas jornalísticas para o *fact-checking* reforça se tratar de uma teoria da conspiração que não utiliza de nenhum tipo de fato ou elemento verdadeiro para a criação de conteúdos que circulam nas mídias sociais digitais, especialmente no TikTok. No capítulo abaixo, será apresentada a análise do conteúdo.

⁵ Disponível em:
<<https://noticias.r7.com/monitor7/falso-cidade-perdida-na-amazonia-cobiciada-por-suas-riquezas-e-teoria-infundada-15062022/>>.

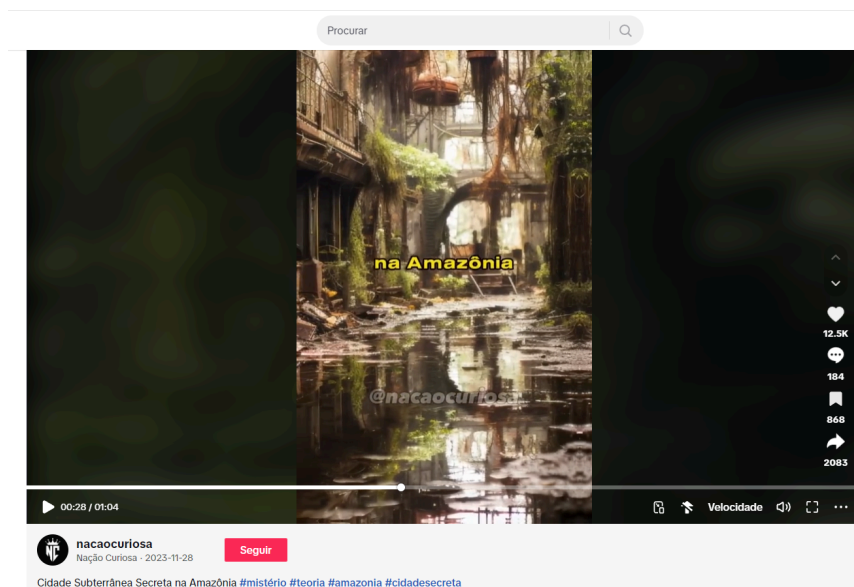
5 ANÁLISE DO CONTEÚDO

O primeiro vídeo a ser analisado ⁶aborda a teoria da existência de uma cidade escondida no meio da Amazônia. O vídeo utiliza de recursos audiovisuais para criar uma narrativa que lembra elementos de suspense e tensão, além disso, alega que um grupo de exploradores encontram uma entrada secreta para a cidade. No entanto, a cidade era protegida por um tipo de defesa misteriosa e que o material coletado por eles foi recolhido, estando o próprio grupo de exploradores, correndo riscos devido à descoberta.

Neste primeiro momento, já é possível observar que o vídeo não possui conteúdo com base em fatos verídicos, checados, ele até utiliza em um momento da narrativa a seguinte frase: especialistas investigaram, mas apenas como um argumento sem compromisso com a verdade. Ele apresenta a ideia de que esta cidade é escondida e que as informações não chegam a público, em decorrência da suposta existência de grandes riqueza e tecnologia, reforçando a ideia de que nada é por acaso.

O vídeo publicado pela conta com o nome de usuário Nação Curiosa, está - até o momento em que a pesquisa está sendo realizada - com 347,8 mil reproduções; 12,5 mil curtidas e 2 mil compartilhamentos. Os dados apresentam a existência de interações, engajamento e compartilhamento.

Imagem 4 - *Printscreen* do vídeo que narra a teoria da cidade escondida



FONTE: Nação Curiosa/Reprodução (2023)

⁶ Cidade Subterrânea Secreta na Amazônia. Acesso em:
<https://www.tiktok.com/@nacaocuriosa/video/7306480175435369734?_r=1&_t=8nfpZexBF4w>.

A própria ideia que o conteúdo propõe, de que é uma cidade escondida, já trabalha com o sentido de olhar por trás da cortina, olhar além daquilo que se sabe sobre. Ponto este que é importante destacar, uma vez que pode ser impossível de identificar a real intenção sobre essas conspirações. O que se pode perceber é que elas acontecem em simultaneidade com outras questões que estão sendo discutidas sobre a região da Amazônia, a questão do desmatamento e da preservação.

Por fim o conteúdo, sem direcionar o alvo, induz que existe um silenciamento por parte de alguém que fica subjugadas ao subjetivo, uma vez que não é exposto, no qual, cria uma conexão dos interesses desses grupos em explorar e não deixar que outras pessoas tomem conhecimento do que supostamente existiria lá.

O segundo conteúdo se trata de um vídeo⁷ de Podcast chamado: Cara a Tapa. No material, um entrevistado alega a existência da mesma cidade do vídeo anterior, porém, com uma abordagem diferente. No vídeo, duas pessoas discutem sobre o assunto, o que assemelha-se é a utilização de imagens geradas por inteligência artificial para compor em simultaneidade o que está sendo dito. Não parece ser uma tentativa compromissada com a qualidade da representação e sim apenas como elemento paralelo à fala.

Este conteúdo também carece de comprovação factual ao alegar que existem potências mundiais que estão interessadas nesta cidade. Por isso, fingem estar interessadas na Amazônia por conta de questões ambientais e preservação. Este ponto reforça os dois primeiros pontos estipulados como critério de análise de pesquisa: Nada é por acaso/ Suspeição das narrativas oficiais e 2) Olhe por trás da cortina /nefasta intenção.

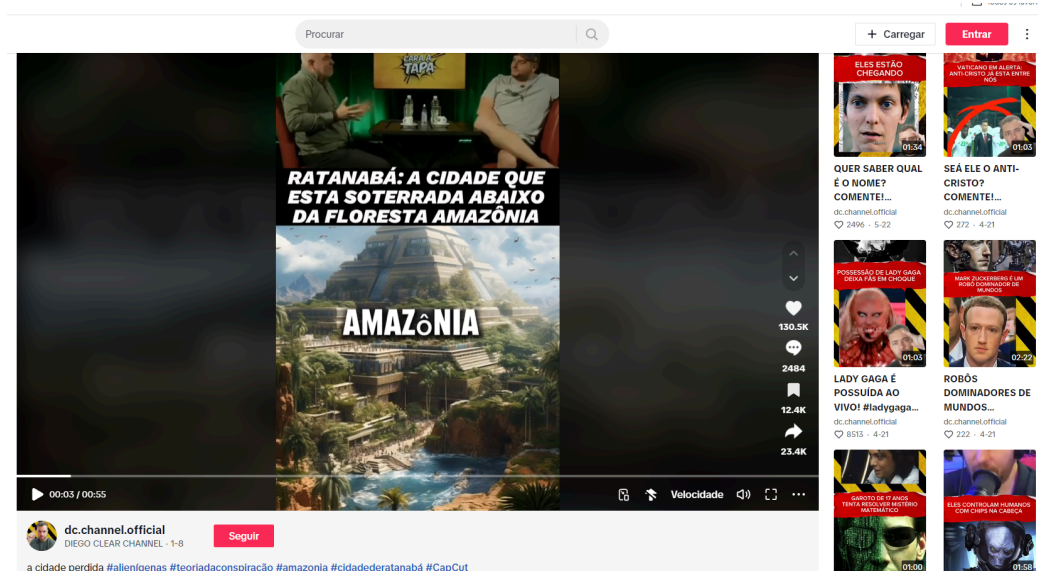
O primeiro se dá quando todas as questões ligadas ao desmatamento, preservação ambiental, preservação da Amazônia, entre outros pontos, são desqualificados e substituídos por uma intenção nefasta, consequentemente as narrativas oficiais em torno dos interesses mundiais sobre a Amazônia são desqualificadas pela narrativa conspiratória.

O vídeo também supõe que diferentes ONGs, países e organizações compartilham do segredo e interesse na exploração desta teoria. Neste sentido, propõe a ideia de que tudo está conectado/ressemantização. Pode-se observar, neste sentido, que existe uma alegação de conexão dos fatos que, não necessariamente, tem relação direta com a verdade e que pode trabalhar diretamente ligada ao destaque contemporâneo relativo ao interesse existente sobre a Amazônia. O ponto que pode utilizar-se de pautas que socializam nos meios de

⁷ Cidade Perdida na Amazônia. Acesso em: https://www.tiktok.com/@nacaocuriosa/video/7306480175435369734?_r=1&_t=8nfpZexBF4w.

comunicação e na web para desinformar em relação ao sentido real dos fatos, de maneira contrária ao discurso que os teóricos da conspiração alegam.

Imagem 5 - Printscreen do vídeo que narra a história de Ratanabá



FONTE: *Dc.channel.official/Reprodução (2024)*

Este tipo de narrativa tende a extrapolar a esfera do consumo de conteúdo e pode tomar proporções em outros âmbitos da sociedade geral, por exemplo, quando figuras de autoridade pública e de relevância nacional estão em cargos de gestão pública e compartilham destes conteúdos.

Em uma publicação no X, em 2020, o então Ministro de Cultura do Governo Bolsonaro, Mário Farias,⁸ utilizou da mídia social digital para compartilhar informações de uma pesquisa realizada pela uma Organização Independente chamada Associação Dakila, na qual, discutia e apresentava elementos afins de comprovar a existência da então suposta cidade de Ratanabá escondida na Amazônia.

A publicação gerou uma repercussão para o então Ministro, em que pessoas se manifestaram nas mídias sociais desacreditando da possibilidade e, muitas outras, pelo contrário, reforçando suposições. O conteúdo, até o momento desta pesquisa, está com 1,5 mil comentários; 1,8 mil compartilhamentos e 4,7 mil curtidas.

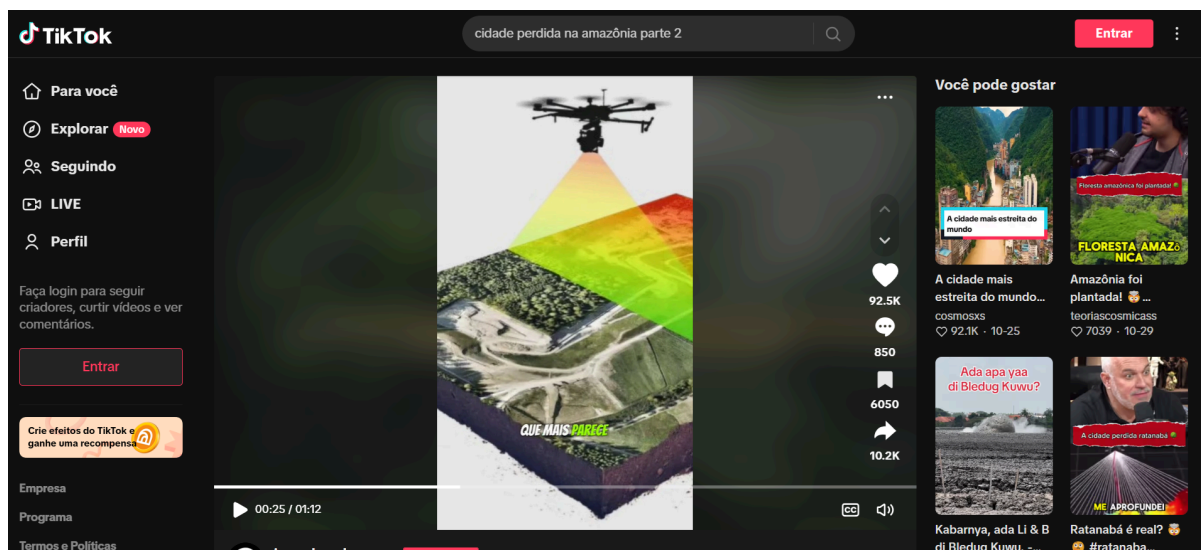
⁸ Post de Mário Farias. Acesso em: <<https://x.com/mfriasoficial/status/1536731028903153671>>

Imagem 6 - Printscreen do Post de Mario Farias sobre Ratanabá

FONTE: *Reprodução (2024)*

Como pode se observar nesta proposta de análise, essas narrativas conspiratórias tendem a extrapolar as barreiras do ciberespaço, podendo tomar forma de discurso político dentro da esfera pública. Ponto este abordado nesta pesquisa o fato das teorias da conspiração serem parte da formação ideológica de muitos líderes pelo mundo. Não somente isto sendo utilizado em muitos casos como estratégias de campanha e disseminação de desinformação.

Imagem 7 - Printscreens do vídeo sobre o Lidar



FONTE: Perfil *Inexplorado*/Reprodução (2024)

Este terceiro vídeo⁹ que, até o momento, está com 92,5 mil curtidas, 850 comentários, 6050 salvamentos e 10,2 mil compartilhamentos. Na introdução da narrativa, quase que na forma de um título de uma notícia, é dito: arqueólogos descobrem cidade de 2500 anos na Amazônia e, logo após, alegam que a descoberta foi realizada depois de duas décadas de pesquisa. O conteúdo, apesar de não apresentar nenhuma forma de checagem ou tentativa de comprovação, que está sendo proposto assume uma estrutura narrativa que busca validação através de uma representação do que seria uma trajetória de pesquisa.

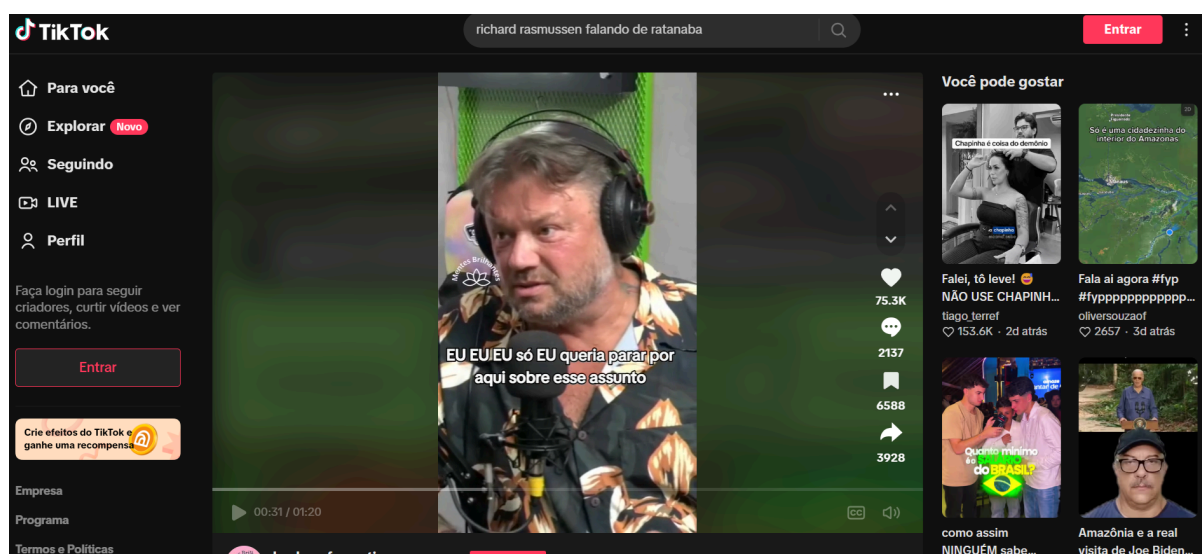
Entende-se que o vídeo tenta criar uma atmosfera de viés de comprovação científica ao utilizar imagens do que seria a Amazônia explorada pela tecnologia do Lidar¹⁰, que até corresponde a uma tecnologia existente, mas, na situação do vídeo, é utilizado de imagens geradas por IA para representar os resultados deste dispositivo. Este tipo de conteúdo não traz por completos todas as sugestões, por exemplo, a ideia de que tudo está conectado, intenção nefasta e ressemantização, mas serve como complemento a outros conteúdos sobre o mesmo assunto, uma vez que pode servir como uma tentativa de comprovação daquilo que está sendo propostos recorrentemente nos conteúdos sobre o assunto.

⁹ Cidade perdida na Amazônia (Lidar). Acesso em: https://www.tiktok.com/@inexplorados/video/7332213482584018181?_r=1&_t=8rYgDg8DLJo

¹⁰ O LIDAR (*Light Detection and Ranging*) é um sensor remoto ativo a bordo de plataformas (tripuladas ou não tripuladas) e um método direto de captura de dados. Disponível em: <http://www.dsr.inpe.br/DSR/areas-de-atuacao/sensores-plataformas/lidar>

A escolha deste vídeo¹¹ se deve ao fato de ter sido sugerido pelo *TikTok* logo após a exibição de um vídeo que abordava amplamente sobre o assunto. É possível compreender que esta estrutura narrativa tem grande importância para esta pesquisa, dado os números de engajamento percebe-se a alta eficiência da narrativa sobre a ótica da disseminação, uma vez que não é precisamente possível avaliar o grau de credibilidade que o conteúdo desempenha com o público, retém-se aos dados de engajamento e visualização.

Imagem 8 - *Printscreen* do vídeo de Richard Rasmussen falando sobre Ratanabá



FONTE: *Perfil do TikTok MentessBrilhantes/Reprodução (2023)*

Neste material, Richard Rasmussen, biólogo e apresentador/participante de diversos programas de televisão, voltados à exploração de ambientes naturais e turismo selvagem, alega ter estado em Ratanabá. O vídeo, até o momento desta pesquisa, atingiu os números de 75,3 mil curtidas, 2.137 comentários, 6.588 salvamentos e 3.928 mil compartilhamentos. O vídeo, como um todo, através da escolha musical, das imagens geradas por IA, do conjunto narrativo, cria uma atmosfera de suspense sobre o assunto. Chama a atenção as expressões e a forma com que Richard alega para afirmar que esteve, fisicamente, na cidade perdida. O discurso do biólogo carece de argumentos e informações que tragam comprovações, tanto da alegação da visita no local, quanto das próprias situações advindas disto.

Ao dizer que não pode falar sobre o assunto, é possível identificar a ideia de que algo terrível pode acontecer ou que algo ou alguém não quer e impede que ele fale sobre o

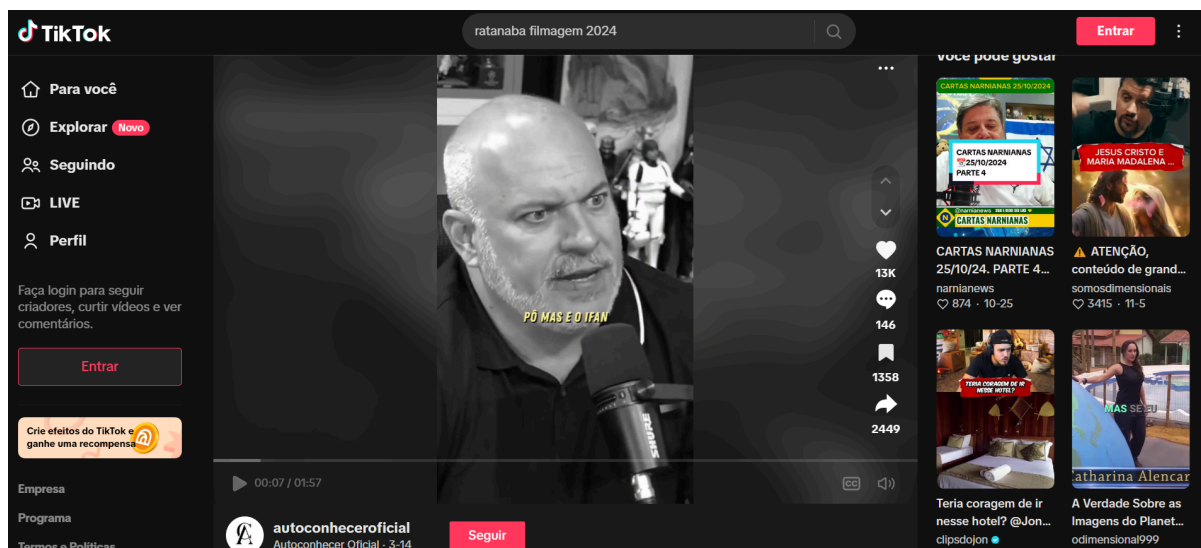
¹¹ Richard Rasmussen em Ratanaba. Disponível em:
<https://www.tiktok.com/@barbarafuganti/video/7305901081953864966?_r=1&_t=8rYfzdzRqt>.

assunto. Logo, é possível observar duas características similares a demais conteúdos narrativos: suposição das intenções nefastas e o olhar para aquilo que está por trás da cortina.

O que muda na forma que as ideias são expostas é a figura do apresentador, uma vez que é compreendido que por se tratar de uma personagem que pode ter uma maior credibilidade e destaque como figura pública, pode tornar o conteúdo mais confiável ao interlocutor. Isto é, não por considerar o apresentador uma figura confiável, mas sendo possível simpatizar com ele e tomá-lo como uma figura de influência e opinião. Conforme Nunes (2018), ao estudar os efeitos dos líderes de opinião nas mídias sociais digitais, definiu-os como um “conceito de liderança de opinião que se refere à capacidade de influência de um indivíduo em uma rede social”.

O que torna relevante para esta pesquisa é a possível associação desta teoria da conspiração a figura de Richard e o fato do mesmo estar ligado a figuras públicas e situações de grupos que recorrentemente que demonstram descaso e uma tentativa de desacreditar a importância com a pauta da Amazônia, a preservação ambiental, aquecimento global e os desmatamentos. Rasmussen foi Embaixador do Ecoturismo durante o governo de Jair Bolsonaro e segundo o portal Gazeta do Povo, foi condenado por crimes ambientais¹².

Imagem 9 - *Printscreen* do vídeo de Sandro Rocha, ator do filme Tropa de Elite, falando sobre Ratanabá



FONTE: *Perfil do TikTok Autoconhecer Oficial /Reprodução (2023)*

¹² Ver em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/richard-rasmussen-embaixador-ecoturismo-brasil/>

O vídeo apresenta Sandro Rocha¹³, uma figura pública reconhecida pela atuação no filme de 2007, Tropa de Elite 1. No material, o ator dialoga, sem compromisso com a comprovação dos fatos ou fontes oficiais, sobre a possível existência de Ratanabá. O ator Sandro Rocha se destaca na mídia também por suas manifestações tanto em apoio ao governo de Jair Bolsonaro, quanto em relação à ideia de grupos de extrema direita.

O vídeo conta com 13 mil curtidas, 146 comentários, 1.358 salvamentos e 2.449 compartilhamentos. Em primeiro momento, Rocha levanta suspeição sobre os interesses e a credibilidade do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN)¹⁴, o que remonta a ideia de suspeição das narrativas oficiais.

No vídeo, a narrativa reforça a ideia de que existem intenções nefastas por trás do interesse de órgãos mundiais e ONGs que estão interessadas em pesquisar e preservar na Amazônia. Também é sugerido no vídeo, uma ideia de que tudo está conectado e essa conexão não é somente nas relações entre as organizações, mas também de forma física - ao ponto de sugerir a ideia de que existem túneis que ligam a Amazônia ao mundo inteiro.

É importante destacar que existe uma aproximação, não só em relação a forma com que essas narrativas são montadas assim como a questão da edição com trilha sonora impactante, a utilização de viés de comprovação que representa uma estrutura de pesquisa, unidade sobre os fatos e, a partir de quem a conspiração se torna conteúdo público. Neste caso, trata-se de um podcast que está publicado em um perfil que não necessariamente corresponde ao perfil do programa e sim de terceiro.

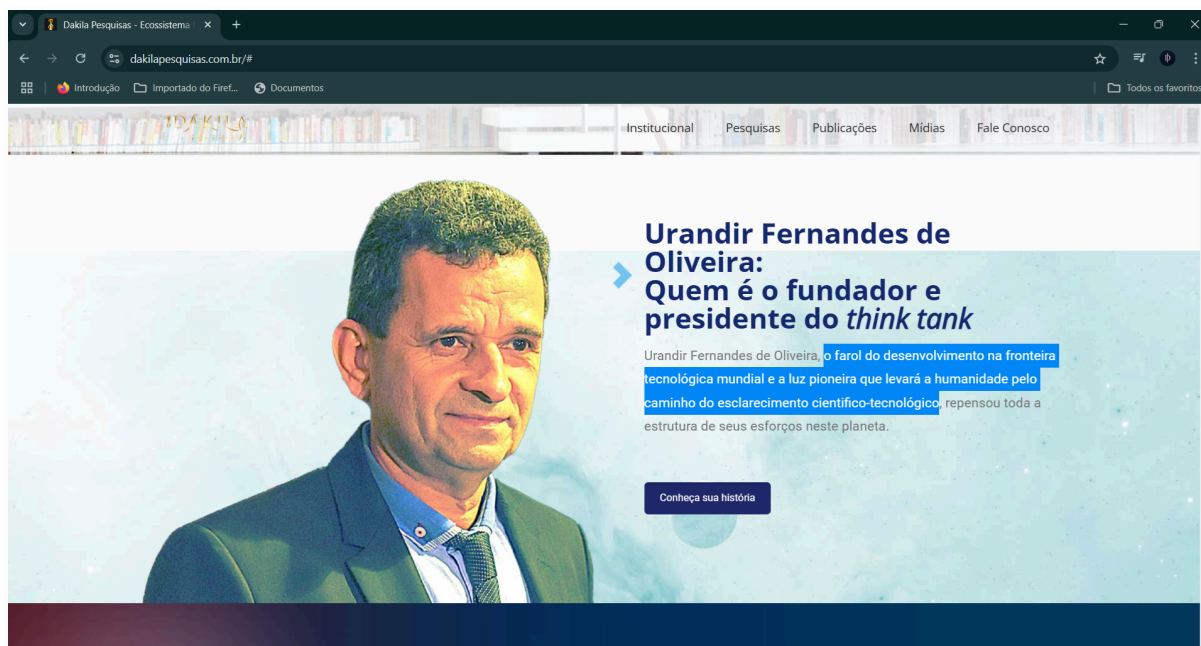
A acusação de interferência de organizações, não denominadas no vídeo, reforça a ideia de que as pessoas devem desconfiar dos fatos oficiais já que refuta as narrativas tidas como pauta socioambientais e de responsabilidade coletiva.

No vídeo, é citado como sendo um instituto de pesquisa, denominado Dakila, o realizador dos estudos e das possíveis descobertas sobre Ratanabá. Ao realizar uma pesquisa na internet, foi possível verificar a existência de canais de comunicação como sites e instagram do que seriam a Dakila Pesquisas, empresa sobre responsabilidade de Urandir Fernandes de Oliveira, que se apresenta como “o farol do desenvolvimento na fronteira tecnológica mundial e a luz pioneira que levará a humanidade pelo caminho do esclarecimento científico-tecnológico”, como é possível observar na imagem abaixo.

¹³ Sandro Rocha, ator do filme Tropa de Elite falando sobre Ratanabá. Disponível em <https://www.tiktok.com/@autoconhecerofticial/video/7346311833260690693?_r=1&_t=8rYg6yv1sed>.

¹⁴ IPHAN é o órgão responsável pela preservação e divulgação do patrimônio histórico e artístico Nacional. Conheça mais em: <http://portal.iphan.gov.br/>

Imagem 10 - Printscreen do site Dakila Pesquisa¹⁵

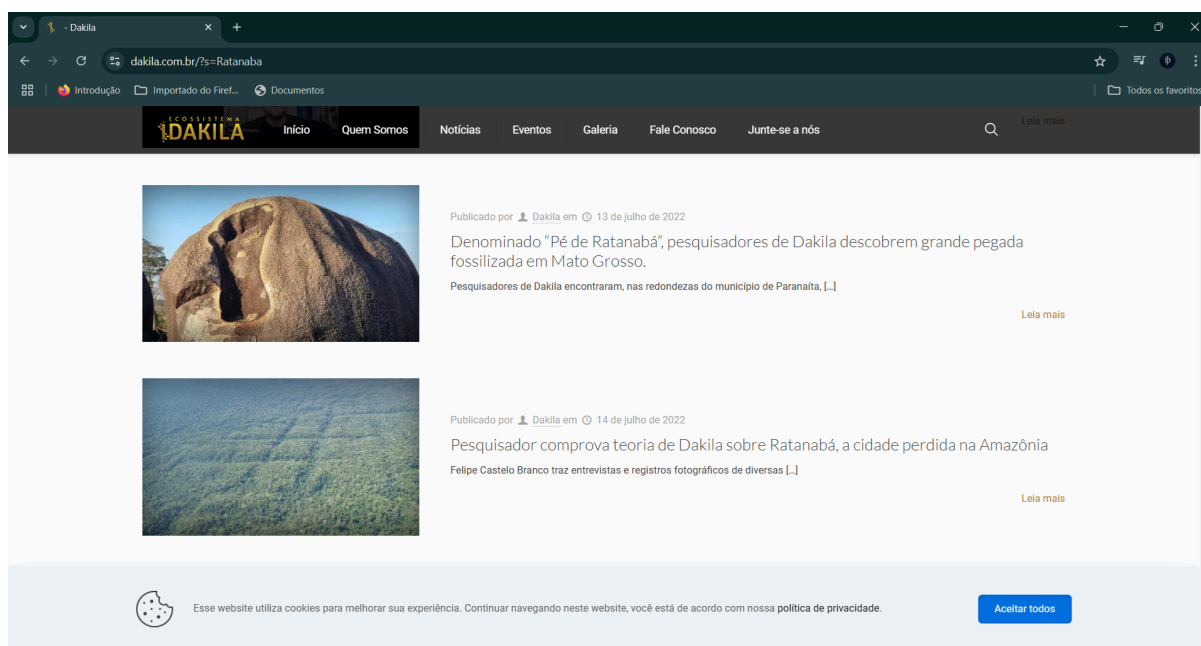


FONTE: Site Dakila Pesquisa/Reprodução (2024)

Em outro espaço, a mesma pessoa aparece como um filantropo e pesquisador de renome nacional, conforme descrito no próprio site, dando destaque para a figura do fundador. Ao realizar uma pesquisa por palavra-chave no site Ecosistema Dakila, é possível encontrar diversos conteúdos sobre a conspiração de Ratanabá.

¹⁵ Site Dakila Pesquisas. Disponível em <<https://www.dakilapesquisas.com.br/#>>

Imagem 11 - *Printscreen* do site Ecosistema Dakila (conteúdos sobre Ratanabá)¹⁶



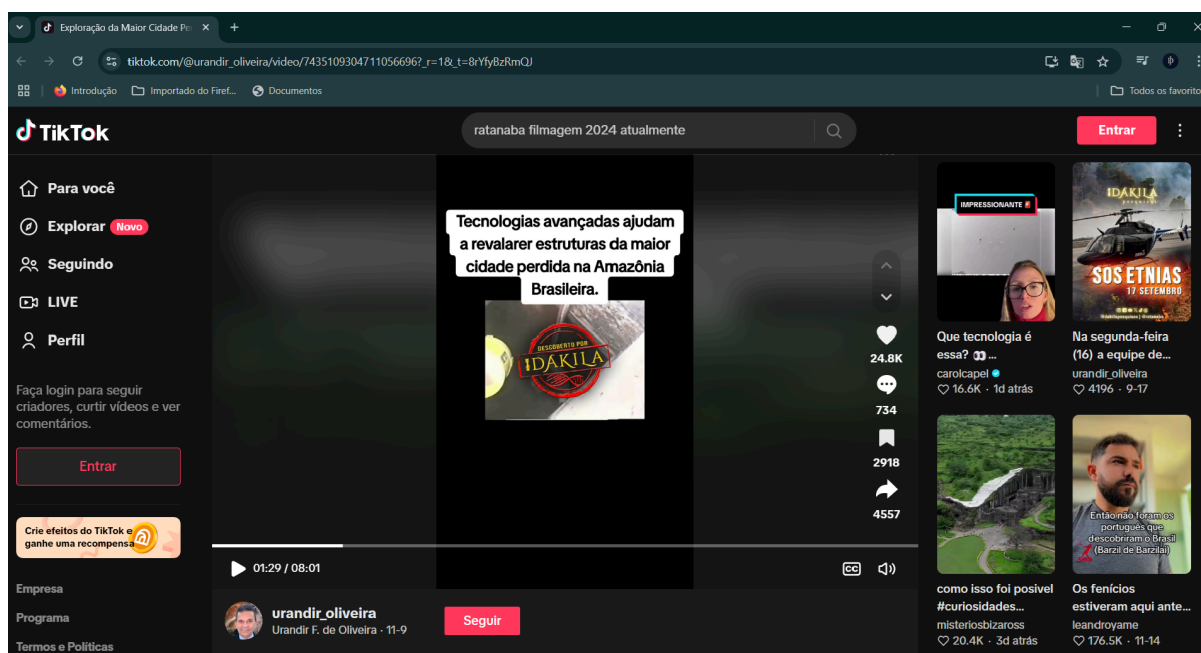
FONTE: *Site Dakila Ecosistema /Reprodução (2024)*

Esta pesquisa é pertinente destacar que a forma como a narrativa total, na soma dos conteúdos analisados, aparenta um possível investimento não só na construção isolada dos conteúdos, mas de forma mais abrangente, na ideia como um todo. O estudo tem a intenção de buscar uma origem primeira para a teoria da conspiração sobre Ratanabá.

O suposto instituto Dakila, conta também com um perfil no Instagram, que condensa os dois sites: Ecosistema Dakila e Dalila Pesquisas. No perfil é possível identificar inúmeros conteúdos alegando a possível existência de Ratanabá, os mesmos apresentam características parecidas com as analisadas até aqui.

¹⁶ Site Ecosistema Dakila. Disponível em <<https://www.dakila.com.br/?s=Ratanaba>>

Imagem 12 - Printscreen do vídeo Dakila sobre Ratanabá no TikTok¹⁷



FONTE: Perfil de Urandir Oliveira no TikTok /Reprodução (2024)

O vídeo acima chama atenção pelos seus números: 295,1 mil visualizações no *TikTok*, 24,8 mil curtidas, 734 comentários, 2.918 salvamentos e 4.557 compartilhamentos. Se destaca também por dois pontos específicos, sendo o primeiro: o fato do vídeo ter oito minutos de duração com os altos níveis de engajamento, uma vez que a plataforma do *TikTok* valoriza a retenção do público em cada conteúdo e tende a destacar aqueles conteúdos de curta duração e outro: o conteúdo é publicado no perfil pessoal de Urandir Oliveira, proprietário do dito Instituto de pesquisa Dakila.

O vídeo adota um formato narrativo muito semelhante aos demais, tanto no que diz respeito às conclusões quanto aos elementos narrativos. É perceptível a carência de fontes de comprovação sobre o conteúdo, mas, ainda assim, apresenta uma estrutura quase que semelhante à de um documentário, na qual, intercala imagens geradas através de uso de inteligência artificial, narrativa por IA e fotos que não são possíveis de identificar a procedência. A repetição constante de afirmações e achados, sejam eles possíveis descobertas estruturais ou artefatos, todos narrados imprecisamente.

A construção da narrativa, busca sustentar a ideia de que “acabou o mistério”, como o título já propõe, que aquilo que está por vir no conteúdo é a prova cabal de que Ratanabá existe e foi encontrada. O vídeo destaca elementos que já foram citados anteriormente em

¹⁷ Vídeo Dakila Pesquisa sobre Ratanaba. Disponível em https://www.tiktok.com/@urandir_oliveira/video/7435109304711056696?_f=1&_t=8rYfyBzRmOJ

outros vídeos analisados nesta pesquisa, porém com uma diferença: coloca sob responsabilidade da empresa Dakila a suposta descoberta de Ratanabá.

No próximo tópico, são abordadas as considerações finais desta pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou realizar um percurso teórico sobre a temática de narrativas conspiracionistas em mídias sociais digitais. O estudo teve como recorte de assunto específico da conspiração sobre Ratanabá, a suposta cidade escondida na Amazônia. Sendo o espaço delimitado para a coleta de conteúdos *TikTok*.

Através deste trabalho, com o objetivo de contribuir com o campo dos estudos em comunicação, buscou-se olhar para diferentes conceitos sobre teorias da conspiração, uma vez que estas podem ser compreendidas como um fenômeno emergente nos meios de comunicação de massa e podem causar um cenário de desinformação e desvalorização do saber científico em razão da conspiração.

Este estudo contribui para compreensão estrutural dos elementos comuns em narrativas conspiracionistas na web, na qual, foi possível observar que os elementos propostos como categorias de análise, sendo eles: apresentação da conspiração como excessivamente cética em relação a fontes oficiais, científica ou comprovação jornalística, a ideia na narrativa de que nada é por acaso, a indução do locutor para que o interlocutor olhe por detrás da cortina em um processo de romantização onde tudo está conectado.

Nesta pesquisa, se tornou possível perceber que essas características não se apresentam necessariamente isoladas, todas agrupadas em um só conteúdo, em um único vídeo, principalmente, na soma de diferentes conteúdos disponíveis sobre o assunto. Desta maneira, também foi possível questionar se não seriam as teorias da conspiração uma indústria lucrativa preparada para acender nas mídias sociais digitais e, em meio aos seus adeptos, uma vez que tanto a monetização dos conteúdos com altos níveis de engajamento quanto os produtos oriundos das conspirações, seriam rentáveis?

Esta perspectiva estabelece uma relação muito consistente com a lógica de funcionamento da mídia social analisada nesta pesquisa, que tende a entregar, conforme a construção da análise do algoritmo de cada perfil específico, uma quantidade inimaginável de conteúdos com a mesma temática.

Foi possível observar, também, que uma teoria da conspiração, pode expressar em contrapartida pautas importantes discutidas na sociedade, uma ideologia de grupos específicos que podem utilizar da conspiração como ferramenta de promoção de uma

determinada visão de mundo que, de maneira geral, pode não ter responsabilidade com a verdade factual, o bom andamento dos processos de comunicação e a ciência, sendo elas possíveis potencializadoras de um grande número de desinformações que circulam na web.

Outros aspectos importantes para este trabalho foram a observação em relação à possível falta de controle e funcionamento da rede social *TikTok* em favor da disseminação destas teorias da conspiração, já que foi possível observar que, em boa parte dos conteúdos encontrados sobre o assunto, não existe nenhum controle de credibilidade e informações sobre a procedência daquilo que se está sendo proposto.

Ressalta-se também a capacidade da mídia social digital de entregar conteúdos semelhantes, da mesma forma conspiratória, possibilitando, assim, um possível cenário de desinformação.

Nos aspectos narrativos, observou-se elementos importantes na construção desses conteúdos conspiratórios, como a tentativa de criar uma ideia de que algo está sendo escondido da sociedade e que organizações mentem sobre suas intenções, o uso de elementos gerados por inteligência artificial, tanto para criar imagens que se aproximam do imaginário daquilo que se quer representar quanto de voz, que pode ocultar a figura do mensageiro e também a tentativa de argumentação aproximada com a relação estrutural de uma comprovação factual ou científica. Observou-se que uma teoria da conspiração, pode se apresentar como uma verdade paralela sobre fenômenos reais e pautas importantes para esfera pública.

Em recomendação a possíveis caminhos e sequências científicas relacionadas a este trabalho e esta temática, destaca-se a importância de pesquisar sobre a forma com que essas narrativas organizam-se em meio a sociedade, os principais desdobramentos das suas ideias centrais frente a situações da esfera social e a influência da ascensão e a popularização das diferentes formas de Inteligência Artificial na produção de teorias da conspiração, compreendendo que, deve ser dada importância - não somente ao combate da desinformação quando já acontecida - no debate sobre a produção de conteúdos que podem ser um problema a ser gerido no campo da comunicação e discutido por cientistas e acadêmicos bem como a partir de situações que democratizam e discutam em espaços nos quais essas conspirações também circulam.

7 REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.

BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

JOANGUETE, Celestino Vaz. O Novo paradigma antropocêntrico da inteligência artificial. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais**, v. 1, n. 6, 2024.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CARVALHO, Luciana. **Legitimação do Jornalismo nas Mídias Sociais: Estratégias Emergentes no Twitter de Zero Hora**. 2011.

CHAUÍ, Marilena. **A ideologia da competência: Escritos de Marilena Chauí**. Vol. 3. Autêntica, 2014.

COSTA, Cristiane; BREY, Maria Luise; AZEVEDO, Luana Neves. **Anatomia de uma teoria da conspiração: O papel de Euclides da Cunha na divulgação de que Canudos seria o epicentro de um movimento de restauração monarquista patrocinado por potências internacionais**. *Revista Eco-Pós*, v. 25, n. 2, p. 213-237, 2022.

DERAKHSHAN, H.; WARDLE, C. **Understanding and addressing the disinformation ecosystem**. v. 8, 2017.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. Atlas, 2005.

DA REVOLUÇÃO AMERICANA, A. Historiografia. **Antoine Destutt de Tracy: o “pai” do termo ideologia Filósofo iluminista francês cunhou o termo no final do século XVIII para designar aquilo que ele acreditava ser a “ciência das ideias”**.

FRAGOSO, Suely. **Teorias da Conspiração no Brasil: apontamentos a partir de observações no Telegram**. *Comunicação & Informação*, v. 26, p. 363-377, 2023.

GEBAUER, Gunter; WULF, Christoph. **Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas**. Annablume, 2004.

JOANGUETE, Celestino Vaz. **O Novo paradigma antropocêntrico da inteligência artificial**. *Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais*, v. 1, n. 6, 2024.

Lewandowsky, S., & Cook, J. (2020). **O Manual das Teorias da Conspiração**. Disponível em <http://sks.to/conspiracy>

MACHADO, Nilson José; DA CUNHA, Marisa Ortegoza. **Lógica e linguagem cotidiana: verdade, coerência, comunicação, argumentação**. Autêntica Editora, 2019.

MISKOLCI, Richard. **Muito além do negacionismo: desinformação durante a pandemia de Covid-19.** Sociologias, v. 25, p. e-soc123090, 2023.

NUNES, Renata Huhn et al. **Efeitos das recomendações de líderes de opinião em mídias sociais sobre a intenção de compra de seus seguidores.** Revista Brasileira de Gestão de Negócios, v. 20, n. 01, p. 57-73, 2018.

REZENDE, Alessandro Teixeira *et al.* **Entendendo as crenças em teorias da conspiração: contribuição dos traços de personalidade e valores humanos.** 2019.

SIMMONS, Keith. A teoria da correspondência. 2024.

SOARES Felipe Bonow *et al.* **Desinformação e esfera pública no Twitter: disputas discursivas sobre o assassinato de Marielle Franco.** Revista Fronteiras (Online), São Leopoldo, v. 3, p. 1-15, 2019.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Tradução de Carmem Griscietalli. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.